

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

PROPRIEDADE — HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO
LISBOA — TELEF. 361839 ◆ FARO — TELEF. 93156 ◆ AVULSO 2\$00

O TREMOR DE TERRA DE 28 DE FEVEREIRO CAUSOU GRANDES DESTRUIÇÕES NO ALGARVE

O ALGARVE foi das zonas do País mais atingidas pelo tremor de terra da última madrugada de Fevereiro. A catástrofe, que causou grande pânico mas que podia ter tido ainda piores consequências — pois o número de vítimas foi reduzido, em relação ao susto provocado — passou e deixou os seus vestígios, principalmente nos velhos prédios e monumentos da nossa Província.

Hospitais, igrejas, casas de pobres ficaram alguns praticamente destruídos e não houve assinalada. Começando por Faro e acabando em Vila Real de Santo António para Sotavento e em Vila do Bispo para Barlavento, a província algarvia sofreu asperamente e algumas terras terão de ser protegidas pelas entidades oficiais assim como muitas famílias. Aliás, o governador civil do distrito já prometeu e por isso, também, se deslocou às zonas mais atingidas o ministro das Obras Públicas.

Haverá que abrigar os que ficaram sem lar e acudir também aos edifícios que ameaçam ruína, alguns dos quais abateram depois

(Conclui na última página)

O sr. Presidente do Conselho visita o Algarve

Um avião especial chegou ontem à tarde à nossa Província, onde pernitoitou, o sr. Presidente do Conselho, que se fazia acompanhar do sr. ministro das Obras Públicas e de outras altas individualidades.

Após visitar Portimão, Lagos, Bensafrim, Barão de S. João, Barão de S. Miguel e Vila do Bispo, tendo verificado os estragos provocados pelo sismo de 28 de Fevereiro, o sr. prof. Marcello Caetano segue hoje para o Alentejo.



GAGO COUTINHO GLÓRIA DE DUAS PÁTRIAS

por Guilherme d'Oliveira Martins

NAS cerimónias comemorativas do I Centenário do nascimento do glorioso almirante Gago Coutinho, rende o País justa e significativa homenagem à memória do cientista que, pelos seus feitos e pelo seu génio, conquistou a admiração e o respeito da Nação e do Mundo.

No momento em que Portugal e Brasil, irmanados nos mesmos sentimentos e em comunhão de afectos, exaltam a figura do precursor da navegação aérea, que, pelos seus conhecimentos científicos permitiu a concretização do plano de Sacadura Cabral, a travessia aérea do Atlântico Sul, nós, associando-nos às comemorações, recordamos alguns passos da vida do marinheiro do geógrafo, do cartógrafo, do astrónomo e do historiador que, em qualquer destes sectores, tanto se notabilizou.

A JUVENTUDE

Gago Coutinho, de seu nome completo, Carlos Viegas Gago Coutinho

(Conclui na 5.ª página)

Janela do MUNDO

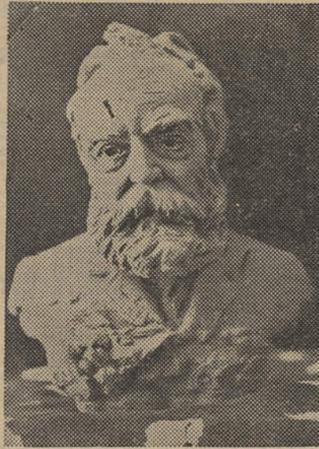
por dr. MATEUS BOAVENTURA

CAVIAR RUSSO COM BATATAS AMERICANAS — MILAGRE DA COZINHA FRANCESA

NIXON fez a sua «tournée» pela Europa, fé-la em grande estilo, à americana, com inesperados mergulhos na multidão distribuindo apertos de mão, com espectaculares descidas de helicóptero na Praça de S. Pedro, com visitas aos Parlamentos estrangeiros, com conversas amenas com os representantes da opinião pública e também com muitas manifestações anti-americanas, o que já é uso quando os dirigentes dos Estados Unidos

(Conclui na 5.ª página)

NO ANIVERSÁRIO DE JOÃO DE DEUS



HOJE, 8 de Março, dia de S. João de Deus, a efeméride mais grata aos algarvios devotos da poesia é, inegavelmente, a comemoração do nascimento do filho dilecto de S. Bartolomeu de Messines, o egrégio lírico da literatura portuguesa e autor da inolvidável «Cartilha Maternal» que desbravou as trevas do analfabetismo, ao longo de várias gerações.

Hoje, muitas centenas de antigos estudantes do Liceu de Faro evocam, saudosamente, as apoteóticas festas que, na capital da Província, outrora se lhe dedicavam.

Patrono do Liceu por proposta unânime dos alunos do começo deste século, e-lo, anos depois, a embelezar o jardim vizinho da rua e do Arco da Vila onde contemplam entre flores o busto do mavião autor de «Campo de Flores». E a academia esmerava-se de ano para ano nessas colectivas manifestações de apreço e de gratidão por figura tão querida de poderosos e humildes. A alma simples e humaníssima de João de Deus, como toda a sua obra conquistara o País e recebeu em vida homenagens inusitadas para aquele tempo. Os estudantes de Coimbra contagiaram o País e toda a Lisboa se lhe rendeu, entusiasmadamente. Raríssimos poetas foram glorificados como ele, em vida, e de forma tão carinhosa e unânime. O bom filho da ridente aldeia algarvia não continha a emoção que transbordava do seu

(Conclui na 8.ª página)

Almoço de confraternização dos são-brasenses em Lisboa

OS naturais de S. Brás de Alportel residentes em Lisboa e noutros pontos do País, vão reunir-se no seu terceiro almoço de confraternização, que decorrerá em 5 do próximo mês (sábado de Aelúia).

A comissão organizadora desta nova jornada de amizade são-brasense, é constituída pelos srs. dr. Alberto Miguel de Andrade e Sousa, João Viegas Faisca, José de Sousa Brito e José de Mora Féria. As inscrições estão abertas na nossa Casa Regional em Lisboa (Rua Capelo, 5-2.º Dt.º), ou em S. Brás, no Café Regional, até 23 deste mês.

ABRE HOJE EM LISBOA A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA «ALGARVE»

ADIADA por motivo de força maior, é inaugurada hoje às 16,30 na Casa do Algarve, em Lisboa, permanecendo aberta até ao próximo dia 15, a Exposição Fotográfica «Algarve».

A PROPÓSITO DE UMA PALESTRA SOBRE TURISMO

por dr. António de Sousa Pontes

NA semana anterior publicou este jornal «A inserção do turismo na vida social do Algarve», que lemos numa reunião festiva do Rotary Club de Faro e que é da autoria do nosso comprouvino Graça Mira.

Como dissemos nessa reunião, com o seu estudo aquele nosso amigo, ex-vogal da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, em Lisboa, como nós, levantava a ponta do véu de um problema que tem muita importância para que o fenómeno económico do turismo consiga atingir os resultados que dele se esperavam.

Surgiu o tema da observação dos factos observados na Praia da Rocha, no último Verão, em que alguns turistas ingleses frequentadores de um dos hotéis de luxo daquela afamada estância de turismo interrogavam os portugueses sobre a vida social da região — não havendo porém quem lhes satisfizesse a sua curiosidade intelectual.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

No entretanto, o autor do referido estudo, como nós próprios, tinha observado, como na Holanda ou na França, havia nas cidades, «grupos de amigos dos turistas» que de boa vontade e graciosamente prestavam os esclarecimentos de que precisávamos, sem ter que recorrer às sedes dos órgãos locais de turismo.

Justificar-se-á no Algarve a criação dos tais grupos de amigos dos turistas?

Creemos bem que sim. E dizemos porque.

Parecendo que não, os nossos comprouvino, de um modo geral, sofrem de um pequeno com-

(Conclui na 8.ª página)

JORNAL do ALGARVE

A O deixar o cargo de comandante distrital da P. S. P., a fim de ir prestar serviço no Ultramar, teve a atenção, que agradecemos, de nos dirigir cumprimentos, o sr. capitão Francisco Martins Vicente.

O nosso prezado colega «Gazeta do Sul», que se publica no Montijo, transcreveu um trecho do artigo «A opinião pública e a política de desenvolvimento» do nosso dedicado colaborador dr. Carlos Albino, que há semanas inserimos.

No Emissor Regional do Sul da Emissora Nacional foi lido na penúltima segunda-feira o artigo «A Ponte ou o Túnel?», publicado há semanas, do nosso colaborador C. da R.

FARO E ÉVORA A «QUILÓMETROS DE ARTE» UNEM-SE PELO TEATRO

por Viriato Fernando

PARA além de todo o significado moral e social que iniciativas deste género comportam, dignificando os seus mentores e quem de alguma maneira contribui para a sua realização, o grande público incluído, por ser ele quem possibilita a continuação destas actividades, com o seu aplauso e carinho, sempre necessários e por constituir, a sua presença, a chamada

terceira dimensão do teatro, estão de parabéns, além dos promotores do sarau, os directores artísticos, os actores, os técnicos, e, com certeza, esse mesmo público que encheu literalmente o vasto salão do Cinema Santo António, da capital algarvia.

Constituiu a récita, de fino recorte, uma valiosa expressão cultural, artística e plástica.

O espectáculo que os Grupos de Teatro da Sociedade Operária Instrução e Recreio Joaquim António d'Aguiar, de Évora, e do Circulo Cultural do Algarve, de Faro, levaram, conjuntamente, a efeito, na noite de segunda-feira, em benefi-

(Conclui na 6.ª página)

NA HORA DE PRESTAR CONTAS

ALBUFEIRA TEVE MAIS TURISTAS EM 1968 QUE NOS ANOS ANTERIORES



Um aspecto da praia de Albufeira

NO relatório de 1968 da Câmara Municipal de Albufeira, diz o seu presidente, sr. Henrique Gomes Vieira, que o desenvolvimento económico do concelho se deve unicamente ao Turismo e que a maior preocupação da Câmara foi «amparar e ajudar todas as iniciativas dessa natureza, visto nem sempre as entidades oficiais

que intervêm na apreciação e aprovação dos estudos, acarinham estas iniciativas e ajudam a resolver os inúmeros e complicados problemas que surgem às empresas, por falta de dados concretos que permitam a execução rápida dos projectos definitivos dos empreendimentos que se propõem executar. Durante a gerência de 1968 já se notou por parte dessas entidades uma acção menos rígida, que permitiu a aprovação de alguns pro-

(Conclui na 6.ª página)

TEMPO de COMENTÁRIO

por TORQUATO DA LUZ

SÓ MAIS OITO DIAS

DE hoje a oito dias termina o prazo para o recenseamento eleitoral. Contam portanto, ainda, os cidadãos conscientes e empenhados na coisa pública com uma semana para cumprirem o primeiro passo que lhes permitirá o acesso à prestação do mais elemental dever — o voto.

Como dissemos anteriormente (e nunca é demasiado repeti-lo), o acto de votar, sendo um direito inalienável de todos os cidadãos que, nos termos da lei, se encontrem em condições de cumpri-lo, é também, e sobretudo, um dever, a que ninguém, por maiores argumentos que teça, poderá furtar-se com justificação plausível.

Possivelmente no fim do próximo Verão, o País vai escolher os seus representantes à Assembleia Nacional, os quais, nos termos da legislação presentemente em vigor, escolherão o Presidente da República. A eleição dos parlamentares, que nos compete a todos nós portugueses no gozo das prerrogativas que a lei actual nos concede, é, portanto, uma forma indirecta de escolher o supremo magistrado da Nação — o representante da vontade geral, pelo menos em face teórica da lição dos números que as urnas oferecem.

Os retardatários ainda têm, pois, oito dias para recensear-se. A incomodidade do acto de ir à Junta de Freguesia será sobrejuntamente compensada pela satisfação do cumprimento do dever e pela convicção (que cada um para si mesmo formará, o que é bastante importante) de não se ter deixado levar na onda de apatia e indiferença que se pretende ver banidas.

Que aproveitem, portanto, estes últimos dias para se recensearem aqueles que por motivos de ordem vária ainda não o fizeram.

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

A saúde é a maior riqueza

AS CÓLICAS

A cólica é uma dor fortíssima, umas vezes no estômago, outras no intestino, outras no fígado e outras ainda nos rins.

Todas elas, como repercussão de doença, devem merecer os cuidados médicos. A menos perigosa, a intestinal, pode ser tratada em casa com os antiespasmódicos, como o chá de erva, a água de flor de laranjeira, o bicarbonato de soda (na dose de uma colher de chá que se deita em água e se bebe de uma vez), as águas minerais, os purgantes ou as cataplasmas quentes.

CRÓNICA DE FARO



por CARLOS MARTINS

A terra prometida

O SR. José veio para o Algarve. Encontrei-o um destes dias em Faro. De aspecto doente e desiludido, era o espectro vivo do homem que buscou em vão a «terra prometida». Arrastei-o para o jardim e sentámo-nos a conversar. Como bom cristão, ele contou-me a sua vida. Foi a confissão simples dum ser honesto e sonhador, que viu destruída toda a sua ilusão de uma manhã de sol. Agora, preparava-se para regressar às lâmpadas incandescentes das avenidas e aos anúncios de neon, onde viveu os seus primeiros êxtases de felicidade quando, à noite, na volta do trabalho, se deslumbrava no feirismo gritante dos reclames luminosos.

Nos arredores de Lisboa, num lar modesto, aguardavam-no três pares de braços, abertos em cruz, para o prenderem para sempre. «Por Deus — disse ele — será para sempre». Mas eu não acreditei. Via-se que o sr. José era um homem que, para além de todo o desamor que o fracasso lhe trouxera, gostava de sol. Desde muito mogo que vivia obcecado pela luz.

E, um dia, deslumbrado pela vertigem dourada dos coloridos cartazes do Algarve, dividiu com a família o seu modesto pecúlio, comprou um bilhete de comboio e veio por aí abaixo embalando a quimera de, algum tempo depois, voltar ao sorriso dos filhos, moço e rico. Mas a sorte foi-lhe madrasta. Não que o sol lhe faltasse. Mas depois de comidos os últimos escudos o sr. José viu-se a braços com o desemprego. Ele, que sonhava servir à mesa de príncipes e embaixadores, de artistas e milionários, não teve onde colocar a sua arte de empregado de mesa, que durante 20 anos aperfeiçoou nos bons hotéis da capital. Ninguém necessitava de pessoal. Todos os lugares estavam contratados e ocupados. Mas o sr. José não podia viver só de sol. E a família que lá, nos arredores de Lisboa, esperava a mesada, não se alimentava de esperanças. Por isso, o sr. José teve de acordar do seu sonho fútil, calcar bem a terra que pisava e gritar: «Quero viver!».

Andou de café em café a oferecer os seus préstimos. Mas até aí continuaram a negar-lhe a oportunidade. A ele, que sabia, como poucos, do seu mister, a ele, um profissional louvado e acarinhado por todos os ex-patrões, ninguém o queria. Porquê?

Até que, outro dia, um fiozinho de esperança escorreu até ele. Foi trabalhar, fazer as faltas de alguns colegas... Limpou o casaco de officio, agarrou na bandeja e apresentou-se. Porém, sofreu a mais amarga de todas as desilusões. O freguês, mal habituado, rejeitou-o também. Preferia o profissional abruptalhado, misto de empregado de mesalavador de carros, a que naquele café se acostumara. Todavia, foi ele quem mais sentiu a ignorância dos colegas. Aparalhado entre tanta incompetência, resolveu tornar a casa.

Um camião carregado de sacos assomou nos lados do Arco da Vila. O sr. José levantou-se, estendeu-me a mão e disse: «Tive muito gosto em conhecê-lo».

O camião parou a um sinal, subiu para a cabine e fez-me adeus. Eu correspondi e gritei-lhe: — «Se um dia quiser voltar para Faro esqueça-se de tudo o que sabe da sua profissão. No Algarve faça-se algarvio e nos cafés um empregado banal».

O sr. José voltou a acenar e sorriu. Voltou aos arredores de Lisboa, tostado como uma amêndoa torrada, por um sol saudável, que aqui nasce e morre todos os dias, acompanhado da sinfonia maravilhosa de um mar que, lá longe, no horizonte, se casa com o azul do céu. O céu e o mar do Algarve concretizaram-me o sonho do sr. José. A outra metade também se materializará breve. Com o incremento que a indústria tomou, estou certo de que os responsáveis pela profissão não-de-discipliná-la e dignificá-la como ela e nós merecemos.

Vamos reconstruir, é a palavra que trago do Governo — disse o sr. ministro das Obras Públicas na importante reunião que teve em Portimão com as autoridades algarvias. Que todos sigam fielmente essa palavra é o que ardentemente desejamos e fazemos votos para que ela possa ser compreendida, especialmente por aqueles que, tendo meios de fortuna e terrenos ou ruínas em Silves, têm mantido esses terrenos e essas ruínas ao abandono, deixando assim egoistamente de concorrer para o bem-estar do seu semelhante e prejudicando o progresso da cidade.

Recordemos, pois, esses momentos que tendo sido de terror, foram também de autêntica verdade, pois demonstraram ao homem, e de que maneira, que a maldade, a intolerância, a soberba e a ambição de nada lhe serviriam naquela ocasião, em que todos foram iguais, necessitando do mesmo auxílio e, sendo todos pobres, todos se mostraram ricos de solidariedade humana, num exemplo magnífico que jamais devemos esquecer, sobretudo nas horas de decisão, para que não tenhamos de nos arrepender quando já não nos seja possível.

Joaquim Francisco da Encarnação Sequeira

Vila Real de Santo António

+

AGRADECIMENTO

Manuel Afonso

Sua esposa, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo e por desconhecimento de algumas moradas, vem por este meio agradecer muito sensibilizada, a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, ou que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

Após a cerimónia religiosa os noivos seguiram para o casino de turismo, com os familiares e convidados, onde foi servido o copo-d'água. Houve baile e outros divertimentos que se prolongaram até altas horas da noite.

No dia seguinte houve um almoço no restaurante Mira Mar, também em Armação de Pêra, seguindo depois todos de automóvel para o aeroporto de Faro, onde os pais da noiva tomaram o avião com destino a Paris. Os noivos ficaram aqui residência. — C.

Ecos

Partidas e chegadas

Passou alguns dias em Vila Nova de Famalicão, tendo já regressado a sua casa em Vila Real de Santo António, a nossa assinante sr.ª D. Maria Augusta Sousa Oliva do Carmo.

Casamentos

Consoviu-se em Lisboa a sr.ª dr.ª Graciete de Almeida Santos, professora do Liceu de Cascais, com o sr. João da Silva do Nascimento, proprietário em Vila Real de Santo António.

Os noivos partiram para o sul de Espanha.

— No Barranco do Velho, na capela de Nossa Senhora de Fátima e tendo como celebrante o rev. Carlos do Nascimento Patrício, realizou-se a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Rosa Eusébio de Ascensão, filha da sr.ª D. Maria Luísa Dourado Eusébio Ascensão e do sr. dr. Raimundo da Costa Ascensão, com o sr. tenente Eduardo Augusto Pimenta Arcajo, filho da sr.ª D. Maria Antónia Pimenta Arcajo e do sr. Eduardo Arcajo, comerciante em Faro. Foram padrinhos pela noiva, sua irmã sr.ª D. Maria da Graça Eusébio Mil-Homens Barreiros dos Reis e esposo, sr. eng. Júlio Eduardo Barreiros dos Reis, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, e pelo noivo, seus tios, sr.ª D. Maria Lúcia da Costa Silva Pimenta e sr. Eleutério Pedro Pimenta, funcionário da Mutualidade Popular de Faro. Na Pousada de S. Brás de Alportel, foi servido um copo-d'água. Os noivos que seguiram para Espanha, fixam residência em Faro.

Baptizado

Celebrou-se em Lisboa na capelinha de Nossa Senhora de Monte Serrate onde seus pais casaram, o baptizado do menino Carlos Miguel Martins Silva Freire, filho da sr.ª D. Ana Maria Vieira Lindo Martins de Silva Freire e do sr. Carlos Alberto da Silva Freire, farmacêutico de Madriça. Foram padrinhos o avô paterno, sr. Carlos Gregório de Sousa Freire e sua tia, a menina Maria Emília da Silva Freire.

Foi celebrante na qualidade de amigo da família o rev. cônego dr. Sesinando Rosa.

Doente

No Hospital de Santa Maria, em Lisboa, encontra-se internado o nosso comproviciante sr. Antero André Horta, há muito residente na capital.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Higiene; segunda-feira, Graça Mira; terça-feira, Pereira Gago; quarta-feira, Pontes Sequeira; quinta-feira, Baptista e sexta-feira, Oliveira Bomba.

Em LAGOS, a Farmácia Ribeiro Lopes.

Em LOULE, hoje, a Farmácia Pinto; amanhã, Avenida; segunda-feira, Madeira; terça-feira, Confiança; quarta-feira, Pinheiro; quinta-feira, Pinto e sexta-feira, Avenida.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Ohanense; amanhã, Ferro; segunda-feira, Rocha; terça-feira, Pacheco; quarta-feira, Progresso; quinta-feira, Ohanense e sexta-feira, Ferro.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Moderna; amanhã, Carvalho; segunda-feira, Rosa Nunes; terça-feira, Dias; quarta-feira, Central; quinta-feira, Oliveira Furtado e sexta-feira, Moderna.

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Dias Neves; segunda-feira, Pereira; terça-feira, Montepio; quarta-feira, Dias Neves; quinta-feira, Pereira e sexta-feira, Montepio.

Em SILVES, hoje, a Farmácia João de Deus; e até sexta-feira, a Farmácia Ventura.

Em TAVIRA, a Farmácia Franco.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Silva.

CINEMAS

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Flechas de fogo»; amanhã, «A vingança dos Vikings»; terça-feira, «Um lugar chamado Pólvora»; quinta-feira, «Um gatuno sedutor».

Em ALVOR, no Cine-Alvor, hoje, «O expresso do inferno» e «Passaporte diplomático»; amanhã, «Esta noite é minha».

Em ESTOI, no Cinema Ossónoba, amanhã, «Cairo, missão secreta».

Na FUSETA, no Cinema Topázio, amanhã, «Um campista em apuros» e «Senhora de Fátima»; quinta-feira, «Quatro dólares de vingança» e «Romanoff e Julietta».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «Marisol e o toureiro»; amanhã, «A queima roupa»; terça-feira, «A ponte dos condenados»; e «O terror dos 7 mares»; quarta e quinta-feira, «No calor da noite»; sexta-feira, «Música no coração».

AGENDA

TAMBÉM FALCERAM :

Em HORTAS (Vila Real de Santo António) — o sr. António Joaquim Chumbinho, de 68 anos, natural de Vila Nova de Cacela, casado com a sr.ª D. Etelvina Rita.

Na MANTA ROTA (Vila Nova de Cacela) — o sr. António Valentim Paixão, de 79 anos, natural de Cacela, viúvo de D. Maria Bárbara.

— o sr. Manuel Gonçalves Vitorino, de 87 anos, natural de Cacela, viúvo de D. Rosa da Conceição.

No sítio da IGREJA (Luz de Tavira) — a sr.ª D. Maria da Conceição Mendonça Viegas, viúva, de 84 anos, mãe das sr.ªs D. Graça da Conceição Entrudo e D. Maria José Pinto Xavier; sogra do sr. João da Conceição Fernandes; e avó da sr.ª D. Cesaltina Pinto Xavier Pinto e dos srs. António Américo Pinto Xavier, desde há anos residentes no Canadá, e José da Graça Fernandes, 1.º sargento do Exército.

EM TAVIRA — a sr.ª D. Arminda Amaro Lopes, de 43 anos, solteira, dali natural, filha da sr.ª D. Maria José Gracinda Amaro Lopes e de Joaquim Armando Lopes, já falecido, e sobrinha do sr. João Amaro Fausto, empregado na Moagem Louletana.

Em PORTIMÃO — o menino Humberto Manuel Ponciano Barros de 12 anos, aluno do Liceu daquela cidade, filho da sr.ª D. Isabel Augusta Ponciano Barros e do sr. João dos Santos Pereira Barros; irmão da menina Maria da Conceição Ponciano Barros e dos srs. João e António Ponciano Pereira Barros; e neto da sr.ª D. Ernestina Rosa Ponciano.

— o sr. António Mateus Cabrita de 68 anos, natural de Silves, filho de D. Maria Rosa dos Santos Cabrita e de Francisco Mateus Cabrita, já falecidos, e irmão do 1.º sargento aposentado sr. José Mateus Cabrita, que prestou serviço militar durante longos anos no gabinete do Ministério do Exército.

No MONTE DA CAPARICA — o sr. Carlos Rodrigues, de 61 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Ana Marques, pai das sr.ªs D. Adelaide das Dores, D. Maria Cecília e D. Maria Alexandrina Marques Rodrigues; e do sr. Estêvão Fernando Marques Rodrigues.

Em LISBOA — a sr.ª D. Maria Francisca Neto de Abreu e Lima, de 84 anos, natural de Faro, viúva, mãe das sr.ªs D. Marcela Lúcia e D. Germana Maria Neto de Abreu e Lima Cabral.

— o sr. António das Dores, de 65 anos, viúvo, natural de Alte (Loulé), pai da sr.ª D. Maria de Lurdes e do sr. António Nunes Dores e genro do tenente da Força Aérea, sr. Mário Eloy Afonso.

— o sr. João da Costa Barradinha, de 58 anos, natural de Bensafim, Lagos, casado com a sr.ª D. Elisa Nobre da Silva.

— o sr. Manuel José Munhoz Solá, de 36 anos, solteiro, polidor de móveis, natural de Vila Real de Santo António.

Em NOVA YORK (América do Norte) — o sr. Silvestre Picoito, de 46 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Helena Miguel Picoito. Era pai da menina Maria Eugénia Miguel Picoito e dos srs. José Carlos e João José Miguel Picoito; filho da sr.ª D. Maria da Conceição Pereira Picoito e irmão da sr.ª D. Maria Teresa Picoito da Costa e do sr. José Picoito Júnior, funcionário bancário, em Tavira.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

AGRADECIMENTO

+

José Viegas da Palma

A família enlutada, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo e por desconhecimento de algumas moradas, vem por este meio agradecer muito sensibilizada, a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

TAMBÉM FALCERAM :

Em HORTAS (Vila Real de Santo António) — o sr. António Joaquim Chumbinho, de 68 anos, natural de Vila Nova de Cacela, casado com a sr.ª D. Etelvina Rita.

Na MANTA ROTA (Vila Nova de Cacela) — o sr. António Valentim Paixão, de 79 anos, natural de Cacela, viúvo de D. Maria Bárbara.

— o sr. Manuel Gonçalves Vitorino, de 87 anos, natural de Cacela, viúvo de D. Rosa da Conceição.

No sítio da IGREJA (Luz de Tavira) — a sr.ª D. Maria da Conceição Mendonça Viegas, viúva, de 84 anos, mãe das sr.ªs D. Graça da Conceição Entrudo e D. Maria José Pinto Xavier; sogra do sr. João da Conceição Fernandes; e avó da sr.ª D. Cesaltina Pinto Xavier Pinto e dos srs. António Américo Pinto Xavier, desde há anos residentes no Canadá, e José da Graça Fernandes, 1.º sargento do Exército.

EM TAVIRA — a sr.ª D. Arminda Amaro Lopes, de 43 anos, solteira, dali natural, filha da sr.ª D. Maria José Gracinda Amaro Lopes e de Joaquim Armando Lopes, já falecido, e sobrinha do sr. João Amaro Fausto, empregado na Moagem Louletana.

Em PORTIMÃO — o menino Humberto Manuel Ponciano Barros de 12 anos, aluno do Liceu daquela cidade, filho da sr.ª D. Isabel Augusta Ponciano Barros e do sr. João dos Santos Pereira Barros; irmão da menina Maria da Conceição Ponciano Barros e dos srs. João e António Ponciano Pereira Barros; e neto da sr.ª D. Ernestina Rosa Ponciano.

— o sr. António Mateus Cabrita de 68 anos, natural de Silves, filho de D. Maria Rosa dos Santos Cabrita e de Francisco Mateus Cabrita, já falecidos, e irmão do 1.º sargento aposentado sr. José Mateus Cabrita, que prestou serviço militar durante longos anos no gabinete do Ministério do Exército.

No MONTE DA CAPARICA — o sr. Carlos Rodrigues, de 61 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Ana Marques, pai das sr.ªs D. Adelaide das Dores, D. Maria Cecília e D. Maria Alexandrina Marques Rodrigues; e do sr. Estêvão Fernando Marques Rodrigues.

Em LISBOA — a sr.ª D. Maria Francisca Neto de Abreu e Lima, de 84 anos, natural de Faro, viúva, mãe das sr.ªs D. Marcela Lúcia e D. Germana Maria Neto de Abreu e Lima Cabral.

— o sr. António das Dores, de 65 anos, viúvo, natural de Alte (Loulé), pai da sr.ª D. Maria de Lurdes e do sr. António Nunes Dores e genro do tenente da Força Aérea, sr. Mário Eloy Afonso.

— o sr. João da Costa Barradinha, de 58 anos, natural de Bensafim, Lagos, casado com a sr.ª D. Elisa Nobre da Silva.

— o sr. Manuel José Munhoz Solá, de 36 anos, solteiro, polidor de móveis, natural de Vila Real de Santo António.

Em NOVA YORK (América do Norte) — o sr. Silvestre Picoito, de 46 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Helena Miguel Picoito. Era pai da menina Maria Eugénia Miguel Picoito e dos srs. José Carlos e João José Miguel Picoito; filho da sr.ª D. Maria da Conceição Pereira Picoito e irmão da sr.ª D. Maria Teresa Picoito da Costa e do sr. José Picoito Júnior, funcionário bancário, em Tavira.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

AGRADECIMENTO

+

José Viegas da Palma

A família enlutada, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo e por desconhecimento de algumas moradas, vem por este meio agradecer muito sensibilizada, a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

AGRADECIMENTO

+

José Vaz Antunes Rosa

Sua mulher, filhos e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todos que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

LOTAS

De 25 de Fevereiro a 4 de Março

QUARTEIRA

Artes diversas 339 814\$00

De 4 e 5 de Março

LAGOS

TRAIINEIRAS :

Sagres 40 050\$00

Sr.ª da Encarnação 28 450\$00

Total 68 500\$00

Mês de Fevereiro

PRAIA DA SALEMA

Artes diversas 40 590\$00

Vila Real de Santo António

Missa do 1.º Aniversário

de Francisca Cávaco d'Almeida Machado

A família de Francisca Cavaco d'Almeida Machado, participa que manda celebrar missa do 1.º Aniversário, no dia 10, do corrente mês, pelas 8 h e 30 m, pelo seu eterno descanso, na Igreja Paroquial de Vila Real de Santo António, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

DAS AÇOTEIAS DE OLHÃO



Foram relativamente baixos os prejuízos de ordem material causados pelo sismo

NÃO teve, felizmente, esta mui nobre vila de Olhão da Restauração, pesados danos materiais com o nefasto terramoto de 28 de Fevereiro, que mais estragos provocou noutras áreas do concelho. Na vila, própria dita, foram algumas casas de construção mais antiga que racharam (e por isso oferecem certo perigo), e uma que aluiu, dois dias mais tarde, por efeitos do tremendo abanar a que tudo esteve submetido.

Olhão teve, porém, pesadíssima quota-parte em prejuízos de ordem emocional, já que toda a população viveu momentos de inesquecível pavor, cujos terribles efeitos ainda hoje se notam em muitos rostos. Tomados de pânico, na justificada incerteza do que depois ocorreria, muitos ohanenses vieram para as ruas, que durante todo o resto da manhã jamais deixaram de ter extraordinário movimento, em especial as mais centrais, pois imensa gente queria também saber o que ocorreria nos lados, dada a retumbância dos abalos sentidos, ou se mais teriam sofrido outras regiões onde tinham parentes ou amigos.

Noite negra, que o momentâneo corte das luzes mais enegreceu, ficará a deste 28 de Fevereiro para todo o sempre gravada nas memórias como a de uma tragédia que para Olhão quase o foi, permanecendo com um aviso e um conselho para os que, tendo agora sofrido pouco, materialmente, com os efeitos do tremor de terra, não devem deixar que esse pouco estacione ou ajuste e a outros maiores danos fique sujeito. Que não esqueçam os exemplos do velho imóvel da Rua de Olivença, caído inesperadamente quando tudo parecia querer acalmar, e o da parede que teve de ser demolida pelos bombeiros, na Rua do Comércio, para evitar algum acidente mais grave.

J. LIMA

Clínica e Cirurgia

dos Rins e Vias Urimárias

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista

Consultas diárias a partir das 15 (excepto aos sábados)

Consultório: Rua Serpa Pinto 23-1.º — Faro

Telefs. { Consultório 22 013
Residência 24 761

Empresa Lito-GRÁFICA DO SUL, S. A. R. L.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Ordinária, da Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L., a reunir pelas 15 horas do dia 22 do próximo mês de Março, na sede social sita no Caminho de Acesso à Praia de Santo António, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.ª) Apresentação, discussão e votação, das contas, balanço e relatório do Conselho de Administração referente ao exercício de 1968;
- 2.ª) Apresentação, discussão e votação, do relatório do Conselho Fiscal, referente também a 1968;
- 3.ª) Eleição de um membro do Conselho Fiscal;
- 4.ª) Eleição da Comissão a que se refere o art.º 22 do nosso pacto social.

Vila Real de Santo António, 28 de Fevereiro de 1969

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Ivo Neto Madeira Nobre

Professores do ensino primário de Angola visitam o Algarve

De 10 a 30 deste mês, estão de visita à Metrópole quarenta professores do ensino primário de Angola, cuja passagem no Algarve tem o seguinte programa: dia 12, chegada a Lagos; à noite actuação do Rancho Folclórico Infantil do Centro Social de Nossa Senhora do Carmo; em 13, visita a Sagres, Cabo de S. Vicente e Lagos; em 14, visita a Alvor, Portimão, Praia da Rocha, Lagos e Albufeira, com pernoita em Faro; em 15, visita aos principais centros de interesse da capital algarvia, e partida às 14 horas para Évora.

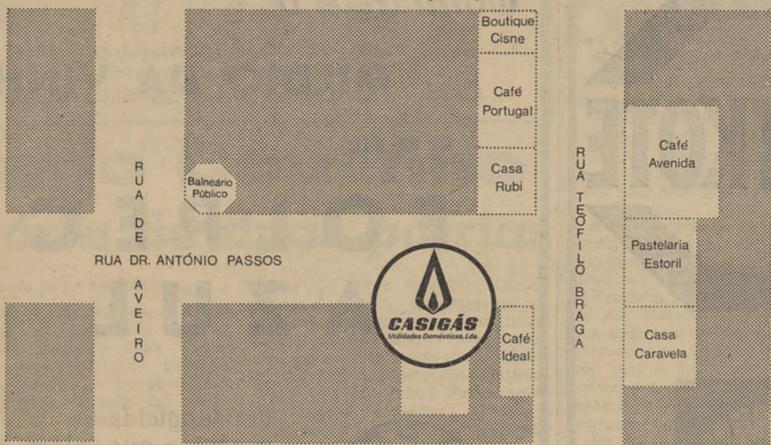
Vende-se

Fogão com 4 bocas, forno e estufa, marca «Leão». Estado novo.

E máquina «Singer», secretária com 3 gavetas. Estado nova.

Favor dirigir pelo telef. 24195 — FARO.

GAZCIDIA Uma chama viva onde quer que viva



GAZCIDIA Uma chama viva onde quer que viva

BRISAS do GUADIANA

Madrugada que não esquece

PASSOU a população de Vila Real de Santo António, como aliás a de todo o Algarve, momentos de autêntico pavor na madrugada de 28 de Fevereiro, com o violento abalo sísmico que se fez sentir durante escassos minutos que mais pareceram séculos. Muitos procuraram, e conseguiram, alcançar a rua, muitos outros nem tiveram acção para sair dos leitos e outros calam nas residências, ao tentarem andar, pois era-lhes impossível manter-se em equilíbrio, no pandemónio em que o próprio chão se transformara. Até o mar bramiu naqueles terríveis momentos, tornando a noite mais impressionante para quem supunha avizinhar-se-lhe o fim, ante as persistentes sacudidas que faziam tremer casas e ruas.

Na Vila Pombalina, mais de 70 prédios abriram perigosas fendas e a alguns caíram paredes, ou parte dos tectos. Nas sedes do Lusitano Futebol Clube e do Clube Recreativo Lusitano, onde também funciona um restaurante, ruíram parte das platibandas e a deste último fez abater parte do tecto do restaurante ao lado, do sr. Gavino Rodrigues, na Rua Cândido dos Reis, destruindo-lhe algumas dependências. Em várias casas da Rua dos Combatentes da Grande Guerra houve telhados parcialmente destruídos. Na fábrica Peninsular, ruuiu uma parede interior e a platibanda do escritório, na fábrica Parodi caiu parte de uma chaminé, registando-se também pequenos estragos noutras casas industriais. Nos estabelecimentos Caravela e Remaco, perderam-se dezenas de contos em loijas e vidros quebrados, havendo outras casas de comércio também com grandes prejuízos. A casa da Rua Teófilo Braga onde funcionava a dependência da Junta Autónoma das Estradas, ameaça ruir a todo o momento, e oferece perigo a quem ali passa, tornando-se urgente a sua demolição. Um muro grande da fábrica de mármoreiros ruuiu mais tarde. Também o rádio-farol sofreu danos.

Os estragos foram porém maiores em Castro Marim, onde oito casas ficaram quase ou totalmente destruídas, sendo calculadas as perdas em muitas centenas de contos.

Os primeiros abalos fizeram ruir uma parede das traseiras do hospital Ribeiro Ramos, na Rua Dr. Silvestre Falcão. Pouco depois, a persistência dos abalos fez cair com grande fragor toda a parte do edifício ocupada pela maternidade e escritório. Por feliz acaso o hospital não tinha doentes, pois a única parturiente deixara-o na véspera, e dele conseguiu sair nos últimos segundos a enfermeira sr.ª D. Maria Marques Pereira, que nunca terá visto a morte tão perto. Os destroços do hospital alcançaram uma casa contígua, onde morava a sr.ª D. Maria Amália Torrado, viúva, professora oficial, destruindo a habitação e o recheio, entre este, algum mobiliário comprado pouco antes. A Rua João da Guarda Cabreira é a que regista maior número de prédios destruídos ou com grandes fendas. A parte superior das muralhas do castelo ruuiu também em alguns metros.

Em Vila Nova de Cacela, caíram várias dependências em casas mais antigas e outras abriram largas brechas. O tecto da igreja matriz ficou fendido num largo espaço, estilizando-se o

valioso candelabro, conhecido por «aranhas».

Na fronteira Ayamonte, ficaram danificadas cerca de 150 casas, entre as quais a igreja das Mercês, cuja torre apresenta grandes fendas, e três fábricas de conservas.

Foi, em resumo, uma madrugada para esquecer, mas que não mais esquecerá.

OS EMBARCADORES E A PONTE

Vimos há dias a seguinte notícia na Imprensa diária:

Vai ser construído um novo embarcadouro para automóveis, a trinta metros do posto aduaneiro de Ayamonte, a fim de fazer frente à próxima corrente turística com destino a Vila Real de Santo António, do lado português do mesmo rio. A construção é consequência de recentes conversações entre funcionários superiores dos Ministérios de Obras Públicas da Espanha e de Portugal, prevendo-se que a nova ponte-cais aumente consideravelmente a fluidez do trânsito automóvel na travessia do Guadiana.

Também no lado português está de há muito anunciada a construção de um novo embarcadouro, ou «pontão», que possivelmente assumirá agora aspectos mais concretos.

Parece-nos, todavia, que tudo isto, envolvendo alguns centos de contos de despesa, está em desacordo com uns «zunzuns» que nos tinham chegado, relativos a um arranço para a construção da ponte do Guadiana. Com efeito, se se pensasse a sério na imediata construção da ponte, para quê gastar tanto dinheiro nos embarcadouros? — S. P.

VIDA

O que é a vida!
Oh! É tão linda...
Uma coisa maravilhosa...
Uma lágrima nos olhos...
A brancura da neve...
A alegria dos jovens...
Os problemas...
As trevas...
A noite escura...
O frio...
O sol!
As cores lindas...
O campo verdejante...
Os passarinhos...
O mar e os seus encantadores [peixes...]
As conchinhas sobre a areia...
Ah! As flores...
O amor...
A inocência...
O riso...
A guerra...
A fome...
A miséria...
A música...
O saber!...
E um tudo desconhecer...
Enfim, uma flor num jardim!
Sorri na Primavera,
E depois... parte no Inverno...

AYLA ROCOS

Novos dirigentes da Casa do Algarve em Lisboa

Têm a constituição que a seguir indicamos, os novos corpos gerentes da nossa Casa Regional em Lisboa, para o biénio 1969/70:

Assembleia geral: presidente, Brás Cabrita de Almeida Conde; vice-presidente, José Raul da Graça Mira; secretários, dr. Semob Sequerra e João Alves de Sousa Ramos; vice-secretários, José Coelho Jerónimo e José do Carmo. Direcção: presidente, dr. Maurício Serafim Monteiro; vice-presidente, José Francisco Magalhães Barros Gamboa; secretários, Joaquim José Macarrão e João Boaventura Palmeira; tesoureiro, Herculano de Sousa Leiria; vogais efectivos, Eduardo Leal dos Santos e Sérgio Nascimento Conceição; vogais suplentes, José João da Silva e Lélito Montes da Luz.

Conselho fiscal: presidente, António Libânio Correia (presidente honorário); vogais, António Francisco Martins da Silva e Jorge A. de Mendonça Arrais.

Conselho Superior Regional: Albufeira, António Libânio Correia e dr. José João Vieira; Alcoutim, Jorge Arez Mascarenhas; Aljezur, major J. Jacinto N. Moura e eng. João S. Quintas Júnior; Castro Marim, dr. Armando Celorico Drago e João Luis Fernandes Júnior; Faro, major Mateus M. Moreno Júnior e dr. F. Ascensão Mendonça; Lagos, prof. José Francisco Cabrita; Lagos, general Leonel Neto L. Vieira e José F. Canelas; Loulé, eng. dr. José A. Madeira e dr. Quirino dos Santos Mealhã; Monchique, eng. António S. Furtado e major Virgílio G. de Campos; Olhão, dr.ª Maria Odete Leonardo da Fonseca e Arnaldo Martins de Brito; Portimão, Joaquim António Nunes e Brás C. de Almeida Conde; S. Brás de Alportel, drs. José Sousa Carrusca e João Viegas Sancho; Silves, Hermenegildo Neves Franco e dr. Maurício Serafim Monteiro; Tavira, drs. José Ascensão Contreiras e Humberto Sérgio de Brito Avó; Vila do Bispo, comandante José Francisco C. Matoso e coronel José F. C. Leal; Vila Real de Santo António, Francisco Camarada Martin e Alberto de Sousa Oliva, Delegados do Algarve: dr. Mário Lister Franco e João Pinto Dias Pires, Delegados da Federação das Sociedades de Educação e Recreio: Arnaldo Martins de Brito e dr. João Viegas Sancho.

ASSIS RODRIGUES ADVOGADO

Rua Cons. Joaquim Machado n.º 27-2.º — Telef. 447 — LAGOS.

Capital

Disponho 200 contos, para sociedade em qualquer ramo negócio já estabelecido ou a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 11352.

Hotel do Golfe da Penina

Precisam-se com carteira profissional e que saibam línguas (Francês e Inglês).

CHEFES DE MESA RECEPTIONISTAS

É favor dirigirem-se ao Hotel do Golfe da Penina para entrevista.

MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

FILIAIS

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 16 B
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por CANDEIAS NUNES

Por favor, não sacudam a cidade!

UMA cidade que dorme é um monstro indefeso. Um bom gigante, digamos. De súbito, aquela dança terrível de que há-de haver memória até que desapareça o último dos intervenientes na insólita noite. Ao primeiro estremeço, a cidade acordou. Há, nesse momento, perguntas sem resposta. De que a cidade pelos corredores de sono interrompido, estudar a situação, saber as causas da angústia que a invade toda, nessa fracção incrível de segundo. Mas não há tempo. Tudo estala, bate, freme, parte, esmaga, uiva, rangem as vigas, os telhados, as paredes, e o sangue nas veias transforma-se num grito que dá explosão; o tremor de terra!

Por mais que voltemos agora ao contacto diário das pessoas, regressamos sempre ao ponto comum de que todos partimos — o medo. Hoje ainda, que tantas horas passaram sobre o terrível minuto, vê-se quanto ele se prolongou, como espada que rasga o tecido do tempo; o que veio depois dele, o que há-de vir depois deste. E é medo esse líquido escuro donde irrompe, lá na raiz da memória que gostaríamos de apagar.

Em Portimão, uma das muitas terras feridas por esse país fora. Uma das mais feridas, aliás.

Em centenas de prédios ficaram marcadas as garras do abalo. Lentamente, vai-se avaliando a extensão do desastre, mesmo que não importe, por aí além, saber-se de contos montam os prejuízos materiais que a cidade sofreu. São muitos, com certeza!

Entretanto, feito que já foi, em todos os tons e conversas desde então, o balanço do acontecimento, pelo que a Imprensa emanou nada mais tem para dizer, julga o cronista que em dois ou três pontos apenas deve basear os seus comentários, aliás dispensáveis. Assim:

1.º — Só por uma estranha demora na tomada das providências que o caso impunha, foi possível a ocorrência do desastre da casa do Infante D. Henrique, felizmente o único acidente de certa gravidade que aqui se verificou.

2.º — Havendo em Portimão um vultoso contingente de técnicos e operários de construção civil, é sobremaneira chocante que se não tivesse procedido à sua imediata mobilização, e que o conformismo tivesse sido, no último dia de Fevereiro, o complemento dessa noite em que tão à beira estivemos da tragédia. Que um hotel ou bloco de apartamentos se dê por concluído três dias mais do que o prazo previsto, pouco mal virá; que um prédio desabe na via pública, ou sepulte vidas e houver nos seus escombros, isso sim, isso importa!

E temos a Escola Técnica. Salas danificadas, aulas interrompidas, gndio destruído, um dispendio cada vez maior dos seus serviços, soluções de recurso, um esforço tremendo para atamancar uma situação cada vez mais insustentável...

Para quando o alívio dum novo edifício? Aguarda-se uma solução. Agora mais urgente. Agora inadivél.

As máquinas (sismógrafos) e as pessoas sensíveis ainda continuam, hoje, terça-feira, a registar abalos, curtos movimentos nas entranhas da terra. Díficil digéstio esta de tanta coisa!

Os optimistas, sobretudo os que habitam prédios de ferro e betão, estão no entanto tranquilos, passado que foi um tremor maior. Outro tanto não acontece aos que moram entre paredes de taipa, cobertos por telha-vô, por onde as águas das chuvas insidiosamente se infiltram.

Há prédios escorados por toda a cidade. Ruas e ruas por onde, agora, se proíbe o trânsito, no receio de que um tremor mais violento provoque novos desabamentos. E daí que o cronista julgue exprimir um sentimento colectivo ao lançar um apelo sabe-se lá a quem (aos ventos? às marés?): por favor, por favor não sacudam a cidade!

CANDEIAS NUNES

Arrenda-se

Primeiro andar a estrear, com vista para o mar e serra, duas assoalhadas, casa de jantar, casa de banho, cozinha, hall e 2 terraços, a 2 1/2 Kls. do Casino e praia de Armação de Pêra. Magnífica estrada—Esc. 800\$00 mensais — telef. 8 — ALCANTARILHA.

Trágico acidente de viação em Faro

Na tarde do último sábado, a capital algarvia viu o drama de mais um acidente mortal. Quando a sr.ª D. Maria Manuela Sousa Guerreiro, de 20 anos, casada, funcionária pública, residente no sítio do Montenegro, seguia em Ponte de Marchil, ao tentar mudar de direcção o veículo em que seguia sofreu embate de outro automóvel. O seu carro perdeu a direcção, desceu por um talude e foi embater numa rocha. Após partir o resguardo, nela ficou atravessada. Alguns populares ainda seguraram o veículo para não se precipitar no abismo, que tinha água até quase ao nível do solo. Faltando-lhes porém as forças, foram pedir auxílio e nesse instante o carro com a infeliz condutora precipitou-se nas águas.

Prontamente acorreram as corporações de bombeiros da cidade, com todo o material, além de agentes da G. N. R. e da P. V. T.

Quando foi possível retirar o carro, a despesa de dois esforços dos bombeiros e de muitos populares, foi encontrado já sem vida o corpo da indolita senhora.

Havia casado há 15 dias com o sr. Armando F. Colaço e era filha da sr.ª D. Maria da Conceição Sousa e do sr. Porfírio Guerreiro, residentes em Faro.

O acidente causou profunda consternação em toda a cidade.



QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzidos pela ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre a sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS—FARO telef. 23669—TAVIRA—telef. 264—LAGOS telef. 287
PORTIMÃO—telef. 148—ALMANCEL—telef. 34—MESSINES—telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTOS TEFILO FONTAINHAS NETO COMERCIO E INDUSTRIA, S.A. L.
VIA DE SAO JOAO, 1. TEL. 1. E 8. 0. COXA ROSA, 1. 2. E. 4. MESSINES. ALGARVE. PORTUGAL.

CARTAS a Redacção

A propósito de eleições

Sr. director,

Tomou posse o novo presidente dos E. U. A. Com a eleição do sr. Nixon, o partido republicano, a que pertence, gastou cerca de 600 mil contos! Verba astronómica, mas que, se pensarmos na América de hoje, não representa mais do que uma das pequeninas solhas de azeite numa malga de caldo verde. E o gasto não é em vão, pois consegue manter todo o mundo suspenso durante a campanha eleitoral. O povo discute os candidatos como se seus fossem ou, até, com maior entusiasmo! Consequências de uma boa informação ou do sistema de propaganda. E na forja, o planeamento e estratégia a usar nas próximas eleições, a realizar daqui por quatro anos.

Assistimos a discussões sobre eleições e candidatos americanos, com um a-vontade e argumentação que nos impressionam tanto como o desinteresse e ignorância que se sente, quando se fala no caso político português, especialmente fora dos grandes meios.

Há muitas pessoas que usam gravata e falam «a política», que desconhecem o significado do recenseamento e como são eleitos os deputados. Admitem muitos que só doutores, padres, oficiais do exército, grandes industriais ou funcionários públicos são nomeados pelo Governo para representar o povo das diversas regiões na Assembleia Nacional.

Há quem aceite, até, que um operário, um agricultor, um comerciante ou um empregado de escritório não podem representar um ciclo, porque, como são nomeados pelo Governo, este exige certas habilitações literárias o que não acontece se fossem eleitos pelo povo.

Ora, parece-nos que esta ignorância é consequência da falta de uma boa informação, para se não falar em instrução ou educação cívica. Aquela, é necessária, pois implica com um dos assuntos mais importantes para a vida nacional. Sem informação dificilmente se conseguirá despertar os apáticos ou os alheios à coisa política e torná-los receptivos às palavras pronunciadas pelo sr. ministro do Interior: «O Governo deseja uma Assembleia que sirva os interesses gerais da Nação. Essa Assembleia não deve surgir da confusão e da emoção mas da legalidade e da ordem em que há-de decorrer a campanha eleitoral».

A Imprensa, a Rádio, a Televisão, e os homens de boa vontade, independentemente de quisquer credos políticos ou sociais, podem servir como veículo de comunicação com o público, numa campanha de informação sobre o que é o recenseamento e o que são as eleições, para que servem e quais as suas finalidades, pela escrita, pelo éter, pela imagem ou, directamente, em colóquios e conferências, etc., etc.

«As nossas estruturas políticas não consentem os esquemas dos partidos, os seus programas e os seus métodos». Informação a tratar e a efectuar. Mas tratar, também, de estimular e fazer criar no espírito do povo o interesse

pelas urnas e por que deve votar, como e onde.

Em quem? Para mais tarde e ao critério de cada, por, seguindo o mesmo pensamento, «teremos recenseamento, eleitores, candidatos, eleições, mas é muito importante que tudo isso aconteça dentro da ordem legal e constitucional, sem propósitos indesejáveis de subverter a mesma ordem nem inconfessáveis projectos de falsificação da verdade do acto».

Esta não deve verificar-se, nem por ignorância. E por isso que em grandes e pequenos países, como a América do Norte, Suíça ou Holanda, se realizam cerimónias próprias «para a iniciação à cidadania». Quer dizer, todas as pessoas que atingem a idade de votar, são apresentadas às entidades de maior relevo ou representação da localidade, que proferem uma pequena alocução sobre os direitos e deveres de todo o cidadão. Gesto interessante, simples mas de suma importância nacional e que pode verificar-se em qualquer frequência ou conceito, parece-nos. Em países não muito grandes, há firmas que publicam pequenas brochuras, distribuídas gratuitamente, em que mencionam os factos mais importantes da história do país, trechos da constituição, cerimoniais próprios «para a iniciação à cidadania». Quer dizer, todas as pessoas que atingem a idade de votar, são apresentadas às entidades de maior relevo ou representação da localidade, que proferem uma pequena alocução sobre os direitos e deveres de todo o cidadão. Gesto interessante, simples mas de suma importância nacional e que pode verificar-se em qualquer frequência ou conceito, parece-nos. Em países não muito grandes, há firmas que publicam pequenas brochuras, distribuídas gratuitamente, em que mencionam os factos mais importantes da história do país, trechos da constituição, cerimoniais próprios «para a iniciação à cidadania», para que são as eleições, etc., etc. Não conhecemos algo em português, ainda que possa existir. Se existe, ótimo seria a sua distribuição, pois estamos em ano de eleições, e estas, devem ser bem divulgadas.

Duma boa divulgação e a tempo depende a atitude e opiniões do público. Evitam-se climas emocionais e grandes tensões de espírito. Dê-se ou estimule-se ao público uma opinião, porque esta é para aquele como a alma para o corpo.

«... Estas as ideias de um português simples, ou simples ideias dum português, como se queira, mas animado de uma grande fé e esperança num Portugal, qual grande cidade, que se estenda do Atlântico ao Pacífico, detendo-se no Índico, passando pelas Comunidades Lusó-Americanas e em que uma só determinação exista e com convicção todos os portugueses possam afirmar, qual clássico juramento:

«... Comprometemo-nos a labutar incansavelmente para incrementar o senso do dever cívico do público e transmitir Portugal aquém e além mar, muito maior, mais admirado e mais belo do que nos foi transmitido.»

PAQUETE NUNES

O Algarve, esse desconhecido

Sr. director,

Com a intenção de estimular um amigo que fui visitar a Londres pedi, no princípio deste mês, alguma propaganda sobre o Algarve. A funcionária do Palácio Foz que me atendeu lamentou não ter propaganda em inglês e para que eu não sáisse de mãos a abanar deu-me uma publicação em francês (Algarve — Portugal) e duas em português (Armação de Pêra — Praia dourada e Portugal onde o mar começa) além de um guia hoteleiro trilingue.

Que comentários posso aduzir a tão estranho facto? Só pretendo que os responsáveis saibam o que está a acontecer e providenciem para que esta verdadeira sabotagem do turismo não continue na própria Secretaria de Estado de Informação e Turismo.

Ernesto Salgado

Netos

José Guerreiro Neto & Filho, L. da

LOULÉ — Rua Padre António Vieira — Telef. 283

FARO — Rua Pé da Cruz — Telef. 24585

empregueiros re-
comendados pela
Shell Portuguesa
S. A. R. L.

na aplicação de
FLINTKOTE

→ IMPERMEABILIZAÇÕES
→ PAVIMENTOS



Combata o MÍLDIO DA VINHA com **FOLPEC AZUL**



um fungicida orgânico que, além do notável efeito sobre o MÍLDIO da vinha e de outras culturas, tem ainda acção contra os OÍDIOS

Notícias de LOULÉ

O SEMANÁRIO «Actualidades» de 15 de corrente, publica uma crónica sobre o procedimento de determinada professora de uma escola das proximidades de Faro, verdadeiramente escandalosa. Se é certo o que lá se diz, é afrentosamente irritante que uma professora e quem incumbida a educação dos filhos dos outros, tenha em tão pouca conta o seu decoro e o prestígio da profissão para proceder da forma verdadeiramente escandalosa que se relata. Se não é verdade que a professora pinta o rádio a tocar para os alunos aprenderem a dançar ao ritmo de músicas e as outras esquisitices que se descrevem, então que se processe o jornal por inventar tais desaforos verdadeiramente provocadores de descrença na mentalidade dos pais que confiam nos agentes do Governo lhes selecciona, para a educação dos filhos.

Talvez que esses palavrões que diariamente os jornais nos propiciam, de coexistência pacífica, de fraternidade universal, de receptividade compreensiva, de alívio de pressão, de melhor harmonia para maior promoção, venham com a Primavera que se avizinha. Talvez que com ela, Primavera, tudo tenha uma melhor e mais esperanzada expressão talvez se consiga mais realista e válida definição semântica. Pela nossa parte, não queremos ser acionados de profetas derrotistas, não queremos que uma Primavera que se avizinha e desabrocha em toda a virtude de boas intenções, com a renovação de altos propósitos e ideais, com a sinceridade dos melhores desejos e aspirações seja empanada por uma sombra de dúvida, por qualquer prognóstico de desalento. Ajudemos com todos os nossos votos, com toda a nossa colaboração, com toda a nossa dedicação e encorajamento de que a Primavera que vem nos faça esquecer o Inverno que tantos preocupou e afligiu e castigou com o seu sestro sinistro. Confiemos e aguardemos com a melhor das boas esperanças. R. P.

Motorizada

Marca H. M. V., com 11 000 quilómetros, vende-se em conta. Informa-se nesta Redacção.

Vai ser de novo comemorado o Dia do Viajante

Em anos transactos tem redundado em jornadas de confraternização profissional a comemoração do «Dia do Viajante», simpática iniciativa do comerciante vila-realense sr. Luís Félix da Silva, que assim criou tradição de válido interesse. Em 22 deste mês, de novo os viajantes algarvios ou operando na nossa Província reunir-se em festiva camaradagem, sendo a comissão organizadora constituída pelos srs. António Abílio Nunes, Américo da Piedade Pires, Francisco de Sousa Semião, Rui Nunes Guerreiro, Gregório Ginja Mendes, João Filipe Vedes, António Gomes Neto e António dos Santos Zuzarte.

A. Leite Marreiros

Graduado dos Hospitais Cívicos de Lisboa
Consultas diárias a partir das 15 horas, excepto aos sábados
CONSULTÓRIO:
Rua Sorpa Pinto, n.º 23-1.º - FARO
TELEF. (Consultório 22013 Residência 22697)

Comparticipações

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu pelo Fundo de Desemprego um subsídio reembolsável de 600 contos à Câmara Municipal de Silves, sendo 280 contos para abastecimento de água e 320 contos para a rede de esgotos de S. Bartolomeu de Messines, e 250 contos à Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, para construção do mercado municipal.

Beba Café Puro, mas... CHAVE D'OURO

Agora, em embalagens de 125 grs. fechado pelo vácuo, destinado às donas de casa. Corte as duas tampas de uma embalagem... cole-as num postal... e envie para PAC, LISBOA-1. Um automóvel... electrodomésticos... Muitos prémios para si. CHAVE D'OURO... O MELHOR CAFÉ.

CINECLUBISMO

O Cine-Clube de Faro realiza na segunda-feira, mais uma sessão normal, sendo projectado o filme, «Pedro, o louco».

Para qualquer esclarecimento consulte os
SERVIÇOS AGRONÓMICOS DA SAPEC
LISBOA
Rua Vitor Cordon, N.º 19
Telef. 566426
Depositarário em FARO
JOÃO INÁCIO
Horta das Figuras — Faro
Telef. 24000

ENSINO NO ALGARVE

Por conveniência urgente de serviço foram nomeados professores provisórios na Escola Industrial e Comercial de Silves: do 6.º grupo, 1.º grau, a sr.ª D. Maria Teresa dos Santos Infante; do 2.º grau, 2.º grupo, o sr. António João da Silva Palmeira; do 2.º grau, 11.º grupo, os srs. drs. João António de Sousa Amorim e Manuel Arroube Correia; e do 4.º grupo, a sr.ª D. Maria Amélia dos Reis Taquelim, tendo sido nomeados professores extraordinários: do 2.º grau, 1.º grupo, na Escola Industrial de Olhão, o sr. dr. João Inácio da Luz, e do 1.º grupo, na Escola Industrial e Comercial de Faro, a sr.ª dr.ª Maria João Guerreiro e Gago de Brito Lima.

PRIMÁRIO

Para tesoureiros das cantinas escolares da sede do concelho de Albufeira: de Nossa Senhora da Conceição, em S. Brás de Alportel, e sede do concelho de Lagoa, foram nomeadas, respectivamente, as professoras sr.ª D. Maria Manuela do Carmo Leal, D. Maria de Fátima Costa Almeida, Pires e D. Maria Luísa Correia Lopes de Oliveira. — Foram nomeadas regentes dos postos escolares de Monte Velho (Silves) e Barrada (Alcoutim), as sr.ª D. Maria de Lurdes da Silva Vargas e D. Maria José Martins. — A seu pedido foi exonerada a regente agregada sr.ª D. Maria Amélia da Silva Semião. — A sr.ª D. Maria Odete Pinto Nunes, professora do 7.º lugar da escola masculina n.º 1 da sede do concelho de Olhão, em comissão no 7.º lugar da escola masculina de aplicação anexa à Escola do Magistério Primário de Faro, e ao sr. António Aires da Cruz Amaro, professor da escola masculina da Luz de Tavira, foi concedida a 1.ª diuturnidade. Foi autorizado o funcionamento do 2.º lugar masculino e escola mista de Armação de Pêra (Silves). — Estão vagos os seguintes lugares em escolas: masculinos: 10.º da escola n.º 1 da sede do concelho de Faro, e 1.º da escola n.º 3 da sede do concelho de Tavira; 1.º feminino da sede do concelho de Lagoa e misto de Taipas (Alcoutim).



Anda ladroagem à solta

D EPOIS de algum tempo de ausência, era inevitável que eu encontrasse o Policarpo. Assim foi. Dei de cara com ele ao dobrar a esquina da rua principal e por pouco não lhe sujei a bela gabardina sintética. — Cuidado! — gritou, dando um salto à retaguarda. — Bolo salto — comentei. — Olha que não está nada mal para uma pessoa com noventa quilos de peso — redarguiu. — Olhei-o com ironia e retorquiu: — Novatát! Então estás muito mais magro! Policarpo enrugou as sobrancelhas e fitou-me com expressão severa. Assim esteve durante momentos, até que me estendeu as mãos peludas. — Vamos, rapas. Deixa-te de armar em espirituoso e dá ad um abraço ao teu amiguinho! — Cai nessa asneira e fiquei sem respiração. Como sempre acontecia, o visitante aproveitou a ocasião para relatar as últimas aventuras. Desta vez a odisséia começava pelo norte do país. «Que tinha estado em Braga a vender pedras maravilhosas; que fora fotografado da rica gente de Lamego; que em Vila Real formara uma sociedade, para explorar a fabricação de bicicletas de plástico; e por fim, em Guimarães, quando pretendia vender acções dessa fábrica, teve conhecimento de que ali se encontrava detido pela polícia, um gatuno internacional. — Imagina, era um autêntico Arsène Lupin. Fizera roubos na América, na França, na Suécia, na Espanha, enfim, em quase todos os pontos do globo. Por último, até tentara vender o Cristo-Rei ali de Almada, a umas beatas espanholas, por 25 milhões de pesetas! — Eu li isso no jornal. — Leste? Então vêes como é verdade! — Mas não compreendo é a hipótese que esse gatuno possa ter com a tua história! Policarpo ficou um momento silencioso. Por fim declarou: — Foi precisamente o facto de terem capturado o homem, que me fez regressar à minha terra, da qual já tinha inúmeras saudades. — Ah, sim? — Sim. E que comecei a pensar no meu negócio. Essa coisa da fabricação das bicicletas de plástico... Bem, talvez não fosse muito compensadora. — E talvez as bicicletas derretessem com o calor! — Quem sabe, quem sabe... E depois a autoridade poderia confundir-me com outra pessoa... Com um... — Com um vigarista, por exemplo! — Exato. Trataste-me a palavra da boca. Ora, como sabes, sou um indivíduo honrado. Ninguém o contesta. E estás a ver, ser envolvido em assuntos escuros... — Claro, claro. Tiveste medo que te pusessem junto ao Rafles! — Qual Rafles? — Esse de que veio a notícia no jornal. O Arsène Lupin de quem falaste! Policarpo acenou gravemente com a cabeça. Apesar da jovialidade, via-se em quase todos os pontos do globo. Os olhos, cavados e vermelhos, pareciam os dum charro do alto congelado; e a boca retorcida num esgar que pretendia ser um sorriso, era a amarga figura do desespero enlatado. O próprio entre de que tanto se orgulhava, estava mais descaído do que nunca. Encontrava-se positivamente demoralizado. Por isso bati-lhe nas costas, sem me preocupar com a gabardina e disse-lhe: — Foge, enquanto é tempo! — Porquê? — Porque neste momento, a Fuseta, não te é hospitaleira. — Mas porquê? — perguntou, esasperado. — Então não sabes que roubaram oitenta contos? Policarpo empalideceu ainda mais e esbugalhou os olhos. — Como? Aqui?... — Sim. — E foi o Arsène Lupin? — Sei id quem foi. Só sei é que ainda não os apanharam. — Meu Deus — gemeu Policarpo — isto é o que se chama «sair do sal e vir meter-me na salmoura!»... REIS D'ANDRADE

voe para a Austrália pela rota repousante sem aumento de preço



uma nova rota a jacto da South African Airways para a Austrália

Da Europa via África do Sul para a Austrália*. Uma nova rota sem aumento de preço, oferece-lhe a oportunidade de fazer escala na África do Sul e ali permanecer o tempo que quiser, dentro da validade do bilhete. Cinco Boeings 707 partem regularmente de Lisboa para Joanesburgo, permitindo-lhe passar uma ou mais noites naquela cidade. Sem aumento de preço poderá interromper a sua viagem para visitar a sua família, conhecer Joanesburgo, ou ainda admirar algumas das mais belas paisagens e Parques Nacionais da África do Sul. Os serviços para a Austrália partem de Joanesburgo às 2.ª e 4.ª feiras de manhã, directamente para Perth e Sydney onde chegarão na manhã seguinte. Seja qual for a sua escolha, a sua viagem proporcionará-lhe, pelo menos, uma noite de escala num dos mais luxuosos hotéis de Joanesburgo.

Consulte o seu Agente de Viagens IATA ou a



SOUTH AFRICAN AIRWAYS

Rua Joaquim António de Aguiar, 3 - Telef. 536102 - Lisboa-1 (Em colaboração com TAP e QANTAS)

BALANÇAS BÁSCULAS CORTADORAS REGISTRADORAS CONGELADORES MAQ. DE CAFÉ
VENDAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ANTÓNIO PESSOA, L. DA
FÍLIAL EM FARO
RUA GEN. TEÓFILO DA TRINDADE, N.º 80-A
TELEF.: 22388

Operação «stop» da P. S. P.

A P. S. P. de Faro realizou na última semana uma operação «stop», com quatro postos em Faro, dois em Portimão, um em Silves e um em Loulé, tendo sido fiscalizados 1415 veículos automóveis e 1 021 não automóveis.

ARMAZÉM EM FARO ALUGA-SE

Novo com higiénicos sanitários. Central. Área: 200 m2. Indicado para retém ou escritório - stand. Dirigir: Edifício Sol — Telefone 24023 — FARO.

Gago Coutinho glória de duas pátrias

(Conclusão da 1.ª página)

tinho, nasceu em Lisboa, a 17 de Fevereiro de 1869. Seus pais, D. Fortunata Maria e José Viegas Gago Coutinho, primos e naturais de Faro, viviam ao tempo do seu nascimento na Calçada da Ajuda, no prédio que tinha o n.º 5 e é hoje o n.º 27.

A mãe dedicava todas as suas atenções ao pequeno. Embora nascido num meio de fracos recursos económicos, o Carlos cresce rodeado dos maiores carinhos e cuidados. Quando chegado à idade escolar vai frequentar a escola primária de D. Carlota, em Belém, a mãe acompanha o filho nos primeiros estudos e ajuda-o a resolver as dificuldades que se lhe deparam. Nas primeiras leituras, encontra motivo para falar ao pequeno nos factos mais notáveis da nossa História. Os feitos dos portugueses contados por sua mãe eram para ele momentos de prazer. Eram longas horas de colóquio de enternecer. Mas o Carlos, bom ouvinte, também observava e queria saber os «porquês» das coisas e dos factos. Assim, sucediam-se as suas perguntas.

Os sonhos de criança transportavam-no às acções de aventura e de audácia de D. Afonso Henriques, Cabral, Gama e quantos nomes ilustram as páginas de ouro da nossa História.

A medida que progride nos estudos, a leitura começa a ser para ele o maior entretenimento. Alimentava-lhe os sonhos de aventuras e proporcionava-lhe o ensino de satisfazer o desejo de saber.

Conta-se que quando prestou provas no exame de admissão ao liceu revelou já conhecimentos que causaram ao júri agradável impressão. Descreveu o rio Zambeze e depois Angola e Moçambique, em que referiu acidentes topográficos, hábitos e costumes, mas com tal convicção e certeza que levou o voto de dois membros do júri a perguntar-lhe:

— O senhor já esteve no nosso Ultramar?

— Não, senhor professor, nunca saí de Lisboa. Vivendo paredes meias com o Tejo, com frequência vai com seus pais assistir à chegada a Belém dos barcos que regressavam da faina da pesca. Gostava do espectáculo e as coisas do mar já o atraíam. Mal pensava que anos mais tarde seria aquele mesmo cenário que iria enquadrar o espectáculo de tão grande projecção, que foi a partida para o Brasil, utilizando pela primeira vez o avião como meio de transporte a ligar as duas nações.

Frequentava o liceu, aos 12 anos, quando sofre o primeiro e grande desgosto da sua vida: morre-lhe a mãe. Seu pai, passado pouco tempo embarca para Angola. O pequeno vai residir para a Rua da Esperança, entregue aos cuidados de D. Maria Augusta Pereira, senhora solteira que se dedica de alma e coração a educá-lo. Acompanha os seus estudos e preocupações com tanta atenção e desvelo que ele, à medida que cresce, mais vê aumentar a amizade e dedicação por aquela senhora.

Embora os acontecimentos lhe tenham provocado abalo, os estudos prosseguem sem desalento e com bons resultados. Concluídos os estudos liceais, aos 16 anos, entra para a Escola Politécnica, a fim de fazer os estudos preparatórios para admissão à Escola Naval. Evidencia-se pelas altas classificações nas cadeiras de matemática, história natural e geografia. A investigação histórica começa a interessá-lo e nesta altura inicia essa actividade. Com frequência visita a Torre do Tombo e a Biblioteca Pública. Os livros de viagens marítimas e respeitantes à acção expansionista portuguesa são os da sua predilecção. Aqui começam a abrir-se-lhe os caminhos do futuro.

Em Outubro de 1886, entra na Escola Naval. Recordando o momento inesquecível da admissão em Escola de tantas tradições, contava Gago Coutinho o seguinte episódio: Em formatura no pátio da Escola, um oficial fazia a chamada dos alunos pelo número e nome. O aluno perfilava-se e dava um passo em frente.

— 10. Carvalho Santos d'Almeida.

— 6. Carlos Viegas Gago Coutinho! Os olhares voltaram-se para o

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

viam por qualquer parte do Mundo.

A longa visita do presidente ao velho continente tinha uma etapa especial: Paris. Pareceu mesmo que todas as outras foram pretextos para este encontro com De Gaulle e a França.

E não poderia ter corrido melhor, desde o discurso de chegada, no aeroporto de Orly em que o texto ficou na algibeira até ao jantar oferecido a De Gaulle na embaixada dos Estados Unidos em Paris passando pelo belo cenário das conversações no Grande Trianon, Nixon venceu longos anos de frieza franco-americana e restabeleceu a linha de comunicação entre as duas margens do Atlântico.

No tal jantar na embaixada do seu país, o presidente lembrou a De Gaulle que estavam a comer produtos idos expressamente dos Estados Unidos. Apenas um prato tinha uma curiosa combinação: batatas americanas e caviar russo. Acrescentou, porém, que a receita resultava em cheio porque fora entregue a um cozinheiro francês.

A alusão é directa ao outro grande objectivo da viagem de Nixon: a preparação de outra grande «tourné», no próximo Outono, à União Soviética. O primeiro obstáculo foi vencido com êxito. Paris está «dans la poche», passemos agora a Moscovo. De Gaulle será o mediano desta outra visita.

Para Nixon só um «cozinheiro» francês pode garantir esta estranha combinação de batatas americanas e caviar russo. A América já tem cozinheiro e parece estar com grande vontade de comer o tal pitê. Mas que pensarão os russos que, por enquanto, gostam apenas do «cozinheiro» sem as batatas americanas?

Nixon terá mais dificuldades em Moscovo do que em Paris. Mas fez

rapaz de físico franzino. Carlos, depois de marcar presença, dá um passo à retaguarda e entra novamente na formatura. Interrogam-se os presentes. Seria um Coutinho da família dos Azevedo-Coutinho, dos Souza Coutinho? Eram apelidos ilustres da nobreza. Cria-se a curiosidade à volta do n.º 6, até que um oficial lhe pergunta.

— O senhor de que Coutinhos é? Parente dos Azevedo Coutinho ou dos...?

— Não senhor! Sou filho de um escrevente da nau «Vasco da Gama». O meu avô era livreiro em Faro. O resto é gente do povo...

Estava satisfeita a curiosidade. O nome iria ele fazê-lo à custa de uma vontade e tenacidade sem limites, auxiliado pela sua inteligência.

O curso da Escola Naval tinha de ser feito em dois anos. Em 1887 já era o primeiro do curso, revelando e confirmando as suas tendências para a matemática e geografia.

Dívidas que surgissem nos mais diversos problemas de cálculo, o Coutinho era ouvido.

O MARINHEIRO

Em Dezembro de 1887, faz a primeira viagem por mar, visitando Londres. Em 1888 conclui o curso, embarcando em seguida para Moçambique, onde permaneceu três anos. Regressado a Lisboa, foi designado para servir em Angola, onde aperfeiçoou os conhecimentos de cartografia e sugere a necessidade da demarcação da fronteira com o Barotze. Em 1891 toma parte nas operações militares do Tungue. Volta a Lisboa e em 1893, embarca na corveta «Mindelo» que embora dispusesse de motor a vapor, navegava mais à vela. Coutinho, nesta viagem, adquire prática da navegação a pano.

Alguns dias depois de ter fundeado na baía de Guanabara, revolta-se a Armada brasileira. Nessa altura, no Rio de Janeiro grassava a febre amarela. A tripulação do «Mindelo» quase toda foi vítima da doença. Dos seis oficiais internados no Hospital da Beneficência Portuguesa só dois se salvaram, os segundos tenentes Coutinho e Metzener. O navio regressa, apenas, com dois oficiais superiores: o comandante Castilho e o tenente Machado Santos.

Gago Coutinho ficara hospitalizado, mas sem dinheiro e sem roupa para regressar à Pátria. Quem lhe valeu foi o nosso cônsul, que lhe compra a passagem e faz um pequeno adiantamento para despesas inadiáveis.

Embarca no «La Plata» que, após 23 dias de viagem, o põe em casa. Horas antes de o navio demandar a barra do Tejo já Coutinho se instalara no «deck» procurando avistar terra portuguesa. No cais, a esperá-lo, está seu pai e D. Maria.

No dia seguinte apresenta-se no Ministério da Marinha. No departamento de pessoal enche três ou quatro papeletas e na tesouraria recebe os vencimentos em atraso. O rapaz nunca vira tanto dinheiro.

Permaneceu dois anos na capital, prestando serviço em diversas dependências do Ministério. Em 1896 realiza longo cruzeiro a bordo do transporte à vela de 1500 ton. «Pero d'Alenquer». Sai de Lisboa rumo à Baía de Todos os Santos e após curta demora, parte para Lourenço Marques. Durou mais de 60 dias a travessia, enfrentando mar encapelado, fortes aguaceiros e rajadas de vento. Verdadeira prova de mar para o jovem oficial, com 27 anos.

Gago Coutinho serviu em vários navios e percorreu diversas regiões. Em 1912 tomou parte nas campanhas de Timor onde já estivera em 1898 em missão cartográfica.

Durante a Grande Guerra de 1914-18, é incumbido da importante missão de traçar o maior número de derrotas secretas para que os nossos navios pudessem fugir à acção destruidora dos submarinos inimigos e auxiliar o bloqueio dos aliados contra os alemães. Gago Coutinho foi um herói anónimo dessa guerra.

Guilherme d'Oliveira Martins

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

VENDE-SE

Camion «Mercedes», 195 cavalos, peso bruto 15 000 kg., caixa de carga 7,80 m. com chassi reforçado de fábrica. Estado novo, pronto a trabalhar. Resposta a este jornal ao n.º 11 443.

A V I S O

Para comemorar mais um aniversário, em 19 de Março, as «Janelas Verdes», de Luís Félix da Silva, oferece a todos os clientes uma senha por dia na qual ficam habilitados pelos 4 últimos números da Lotaria Nacional de 21/3/69, a um corte de fado, uma garrafa de Vinho do Porto e um copo com gravação «Janelas Verdes».

Tem direito a uma senha toda a clientela, quer seja de cafés, bilhares, totobola, lotaria, almoços, lanches, jantares, ceias, etc. etc.

OS C. T. T. NO ALGARVE

A seu pedido, foram transferidas da rede telefónica de Portimão para a de Bragança e para a C. T. T. de Lagos, respectivamente as telefonistas de reserva sr.ª D. Maria dos Santos Esteves e D. Maria Madalena Marreiros.

— Por conveniência de serviço, foi transferida da rede telefónica de Portimão para a CTF de Alandroal, a telefonista de reserva sr.ª D. Maria Adélia Abelha Guerra.

MATEUS BOAVENTURA

ESPAÇO DE TAVIRA

Esta é uma história simples, vulgar e banal e destituída de grande interesse. Mas é uma história como outras que constituem o dia-a-dia, construído por nós e para nós, cheia de ficção, como a imaginação de um lunático que queria construir um foguetão, aproveitando as tampas das latas de graxa que o vizinho do primeiro andar lhe atirava para o quintal.

Como história que é, temos o dever de iniciá-la nos moldes do manual do contador de histórias:

Era uma vez... duas notas do Banco de Portugal. Uma, de mil escudos, limpa e nova, sem o mais pequeno vincio a amarrar o seu frange multicolor, transmitindo ao mais leve contacto a sonorização característica do papel novo. A outra, coitada, suja e velha como fado de trabalhador em fim-de-semana, não era mais do que um farrapo, pegada por certas mãos com desdém, e do

Ficção

irrisório valor de vinte escudos. Encontraram-se as duas notas, certo dia, na caixa duma agência bancária. A de mil, senhora de enorme soberba e arrogância, predicados que tanta vez ela própria transmitira àqueles que a possuíam, tratou logo de fazer valer o seu dom comunicativo, perante a nota de vinte. Ante o espanto desta, começou por contar os ambientes elegantes por onde sempre andava, as mãos perfumadas por que passava. Foi ao ponto de lhe confidenciar a sua vida mundana nas últimas 24 horas: Passara, manhã cedo, da caixa forte de uma rica empresa para a carteira em pele de crocodilo de um respeitável cavalheiro. Pouco depois, fora deixada sobre a mesa de cabeceira de lúscuo quarto, onde mãos femininas a introduziram numa bolsinha de prata. Horas mais tarde, estava a ser trocada por valiosa peça de ouro. A noite saíra novamente na carteira de abastado senhor, saltando dali para o pano verde da mesa de uma roleta. Pouco tempo decorrido, estava entre outros dedos, de unhas bem tratadas e envernizadas, salpicadas pelo champanhe que saltava de uma garrafa. Sentiu a humidade percorrer-lhe o corpo, para logo se aquecer no colo quente e sedoso de uma bela dama, onde as tais mãos bem tratadas a haviam mergulhado. No dia seguinte trouzeram-na para ali, engrossando uma conta a prazo, de que agora fazia parte.

E aquela miserável criatura, por onde andaria, interrogou-se depois a nota de mil. A nota de vinte, vendo a curiosidade da outra, contou então também, o itinerário desse dia.

Viera igualmente de uma caixa forte, não de empresa mas de penhorista. No seu lugar ficara a aliança de uma pobre mulher, que a transportou muito dobrada, fechada em mão calosa e rústica. Foi trocada por pão e depois levada numa velha carteira escaando cheiro a peixe para ser depositada sobre o balcão de uma taberna, onde copos de vinho deixaram sobre si mais umas manchas. Viu-se, depois, junto a outras irmãs a serem reconhecidas inúmeras vezes por mãos pálidas e nervosas. A última caminhada fora para aquele Banco, quando as portas já quase se fechavam, para ajudar a resgatar uma letra.

OFIR CHAGAS

SALVADOR L. ILARI
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DAS CRIANÇAS

Ex-interno dos Hospitais Cívicos de Lisboa
Consultas diárias a partir das 15 horas

CONSULTÓRIO - Edifício SOL (à Póntica) 1.ª D - Telef. 23396 - FARO
RESIDÊNCIA - Telef. 73169 - 72455

Gesto honrado de um algarvio

Caído da camisa de Nixon, quando este mergulhou no meio da multidão, junto do Arco do Triunfo, um botão de punho, em ouro, foi achado e devolvido ao presidente, dentro de duas horas, pelo electricista algarvio sr. João Nobre, de 35 anos, natural de Faro, que se encontrava entre a multidão que assistia à cerimónia de deposição de uma coroa de flores no túmulo do Soldado Desconhecido.

Quando Nixon se lançou no meio da multidão para tocar numa floresta de mãos que se estendiam para ele, Nobre encontrava-se na primeira fila. O presidente abraçou-o, entrou para o automóvel, e afastou-se, e uma cintilação de ouro, atraiu, então, os olhares de João Nobre, que se curvou apanhando o objecto e verificando que era um botão de punho em ouro.



Serena e confiante...

com **Serena** MARCA DE FÁBRICA

Agora, ela vive plenamente todos os dias do mês. Sente-se fresca, confortável e segura. Confia em SERENA, porque sabe que SERENA lhe dá uma protecção eficaz, mesmo em pleno esforço.



Com SERENA, não há dias diferentes!

ANTIGUIDADES

caravelos

COMPRA E VENDE

Móveis, Quadros, Porcelanas, Moedas, Jóias, Pratas, etc.

Av. Jorge V, 40 - Telef. 2470423

(junto à marginal)

CARCAVELOS

PAGA BEM E VENDE BARATO

Faro e Évora a «quilómetros de arte» unem-se pelo teatro

(Conclusão da 1.ª página)

ção da Associação Algarvia dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, ofereceu-nos também a certeza de uma continuidade saudável e promissora, dado o grau de interpretação revelado nos conjuntos responsáveis pelo desempenho das obras de Rebelo, Ionesco e Anouilh.

Integrados, na sua quase totalidade, por gente moça, dada com devoção e sacrifício à arte do palco e dirigida por homens de saber e experiência, que idealizaram e disciplinaram actuações dignas de realce, umas confirmadas outras reveladas, incrustaram-se, e s e s elencos, uns nos outros, de forma a constituírem um bloco sólido de intuições, boa vontade, amor e dignidade.

Antes de examinarmos um pouco o que foi esse espectáculo belo, não queremos deixar de apontar, aqui, o diálogo delicioso que, na fila atrás da nossa, surpreendemos a dois jovens de vinte e tantos anos.

Quando da chamada especial do público a Clementina Machado, a coroa a sua actuação, um dos rapazes, acompanhando a explosão da plateia, aplaudiu entusiasmadamente a jovem. Logo o outro avisou:

— Ainda não acabou!

— Pois não.

Porém, breve, o rapaz que não batia palmas, compreendeu o significado dos aplausos e uniu-se ao entusiasmo geral.

— É a primeira vez que venho ao teatro. E gosto disto. É formidável.

A abrir o programa apresentou-se o ilustre escritor dr. Luís de Oliveira Guimarães que se escusou a apresentar os grupos, por serem, eles, considerados os melhores agrupamentos de teatro-amador do País, mostrando-se, todavia, reconhecido pelo convite, que lhe possibilitou encontrar-se no Algarve a recordar velhos amigos algarvios, como o foram, entre outros, João Lúcio, Bernardo Passos, Cândido Guerreiro, Tavares Belo, João Nobre e esse inesquecível Jilão Dantas, relatando sarrosos episódios trazidos do seu contacto com esses homens das letras e da música.

Por fim, disse ser o teatro a mais antiga das instituições, tendo nascido com o primeiro homem e a primeira mulher no momento da sua primeira cena. E saborosamente encorajou a um Anjo que foi informar ao Senhor, do que era passado entre Adão e Eva, exclamando Deus: «rapaz, nasceu o teatro!»

Em «O dia seguintes», com encenação do dr. Emílio Campos Coroa, não gostamos do cenário da autoria de João Reis. Não que os elementos que o compunham fossem vazios de significado. Os praticáveis apareceram em cima do proscénio e que lhes subtraíu o ar de infinito e de etéreo que, provavelmente, o autor lhes ofereceu. A falta de espaços, que não consentiu maior recuo nas montagens, não beneficiou em nada o talentoso Reis. Contudo, reparámos que ele era susceptível de atingir o fim proposto, pois obrigava os personagens a uma súplia constante e a denunciarem a sua fragilidade humana, sempre que tinham de dar conta do seu acto desesperado na terra. Isso é uma garantia, quanto a nós, de que o cenário esteve dentro da linha real de interpretação. E foi na encarnação dos jovens martirizados que se desenvolveram os pontos elevados da obra de Rebelo.

D. Maria Amélia Coroa, viveu nessa noite uma segunda mocidade. Para nivelar a sua idade com a de Carlos Miguel, desceu nos anos e na vida e mostrou-se digno de um talento refinado. De bom grado lhe oferecíamos os 20 anos sonhadores de «Matilde», para a podermos conservar entre nós por muito mais tempo. Bem, maravilhoso bem, a sua regressão e o valiosíssimo trabalho na composição da figura que lhe coube defender.

Carlos Miguel é um jovem de talento. Possui já uma bela galeria de tipos que o identificam como uma intuição nata. Em «Carlos» foi sóbrio e ofereceu boa réplica, denunciando um «fair play» próprio dos veteranos. Não teve arranjos galvanizadores. A prudência aconselhou-o a retrair-se, porque, para ele, a noite era mais longa. Clementina Machado, uma moça, aparentemente sem grandes possibilidades para o papel, revelou-se nos extraordinária. Quanto a nós, e esse foi a sua grande virtude, criou um tipo de mundana «sui-generis», sensitiva abrutalhada, assim a modos de «tás-a-veri-ou-não-tás», que enriqueceu a sua «ficha», papel sempre aceite com relutância neste mundo real de preconceitos e de espares, mais em que vivemos. A sua desconstrução alandrou-a ao sucesso e o público, felizmente, compreendeu que, no mundo da arte, se deve aplaudir o talento.

O dr. Emílio C. Coroa fez um «juiz» sóbrio, como convinha. Alheando-se pelo problema que não era seu, ficou-se pelo inflexível e distante, dando aos outros o que era deles. Bravo.

No «filhos» e no «Secretários» estiveram os momentos menos felizes da peça. Não que a Joaquim Teixeira calbam, directamente, as culpas. O seu desempenho nada teve que o desabonasse. A sua figura é que não esteve de harmonia com o tipo físico e juventude imberbe de Carlos Miguel. O público sentiu por demais o choque de contrastes e que nós rotulamos de «culto dos afilhados». No entanto, J. Teixeira podia e devia ter recusado o papel. Mas a disciplina dos homens aos homens...

Gilberto Santos não teve a inflexibilidade do «seu» pai. A sua expressão eternamente tormentosa e condóla, arrasta-o a viver os dramas alheios. É pena, porque é um moço cheio de boa vontade e generoso para toda a gente. Os outros é que nem sempre o são para ele. Da técnica, com predomínio para a música de fundo, que nos impressionou agradavelmente, há-nos falta de luz em certos instantes da

representação. Mas disso, devemos ser nós os culpados. Não temos tão bons olhos quanto ouvimos — paciência.

Em «A Cantora Careca», com direcção do dr. José Louro, valeu o todo pelo todo. Trazendo uma lufada de ar novo, o dr. Louro mostrou como de uma pedra vulgar se consegue extrair ouro. Foi um alquimista à altura do grupo em que se integrou e mostrou, com largos motivos de agrado, como com exguas provetas e simples tubos de ensaios, realizou um trabalho excelente. O seu critério de tudo inexperiente ou tudo veterano, que muito receámos no primeiro caso, terminou em triunfo pleno, o que demonstra, à evidência, além da sua proficiência na condução dos jovens, a realidade de um grupo que realiza o seu trabalho excelente, sob a regência maior do seu incansável 1.º director, dr. Emílio Coroa.

Seis moços atacaram com gula a alma de Ionesco e devoraram-na, com todos os requintes, perante um público, bem disposto. Entre eles, não vimos interlúdios desvelados, ainda que Maria Alice Filipe, em «Mary, a criada» e Valter Mateus no «Bombeiros» tivessem possibilidades de saltar o fio de partida, agarrando com entusiasmo a boa oportunidade que o autor concedeu a esses personagens. Mas infelizmente o trabalho de Maria Alice Filipe, em que também nós acreditávamos, antes de o ter provado, como o fez, devido ao seu modo natural, um pouco impessoal para uma boa interpretação teatral, ela conseguiu transcendê-lo e ludir as nossas previsões. Deixou-nos, francamente admirados e... seu admirador, atento e venerador. Teresa Brito e Teresa Aça de Matos, em «Senhora Smith» e «Senhora Martins», foram maravilhosas «ladies» britânicas. Vestidas com rigor e bem penteadas por «Pátima» elas deram o tom impertinente que as mulheres, «ladies» ou não, sempre exibem em qualquer circunstância, desde que para isso esburacou a paciência dos seus queridos maridos. Estes, José Paisa e Carlos Miguel, fizeram um rumo de conduta imutável que lhes granjeou uma nova simpatia e uma graça sã. O «Senhor Smith» e o «Senhor Martins» com suas respectivas esposas, equilibraram um texto absurdo, dando-se os braços uns aos outros, para caminharem dentro do desequilíbrio sem resvalar no inverosímil e para oferecer compreensível o que nasceu deliciosamente vazio de conteúdo válido.

Quanto à actuação do Grupo de Évora, legítimo a dizer-se que não encontrou uma plateia com todo o seu poder de receptividade intacto. O público que muitas vezes vai ao teatro por motivos caritativos e para não perder de todo o seu dinheiro, como no caso presente não foi, não está preparado para 4 horas de espectáculo. Para a peça de Anouilh, baseada em símbolos e diálogos, o espectador já se sentia demasiadamente cansado para oferecer uma atenção conscienciosa. Por isso, começando a debandar, de relé, nos olhos dormientes ou adormecidos no calor da poltrona. Nós fazíamos parte do público. E, sinceramente, teatro como «Antígona» às 2 da madrugada é insuportável. O belo também cansa.

Todavia, enquanto não casamos na letargia, ainda anotámos alguns bons apontamentos de Manuel Peres em Creonte e pouco mais, além do coro e de António Pires no Prólogo. Estamos em crer que o Grupo que Manuel Peres orienta vale muito mais do que o que nos mostrou na madrugada de terça-feira em Faro. Para grupos de amadores trabalhando em dias sucessivos em localidades distantes centenas de quilómetros é heróico. E não descobrimos de entre eles um só com rosto de protegido da fortuna.

O J. tivemos o grato prazer de ver o Grupo Cénico da S. O. I. R. Joaquim António d'Aguiar, sob a batuta de Manuel Peres realizar obra de vulto no «Inteiro» e «A Raposa e as Uvas».

Mas de Évora para Faro é um salto e sem noites perdidas tudo se concretiza com tranquilidade de espírito e completo repouso.

O público, mais vítima do que culpado, não forjou o ambiente que Évora veio encontrar na capital algarvia. Quando se come demasiadamente sujeitos a uma indigestão. Vale isto por dizer que cada peça valia por uma refeição completa. E ainda nos deram mais duas de sobremesa e... gratuitamente — fez-nos mal, pois claro.

Não queremos, para finalizar, deixar de enaltecer o movimento recíproco que Faro e Évora mantêm há alguns anos. É de louvar o espírito de confraternização que as liga, pelo que fazemos votos por uma longa continuidade, para bem dos seus agrupamentos e da promoção cultural e artística das populações das duas áreas.

Bem hajam!

VIRIATO FERNANDO.

AMPLIAÇÃO DO HOTEL JÚPITER

Foi tornada extensiva a utilidade turística, antes concedida a título prévio, para as obras de ampliação do Hotel Júpiter, que a empresa Júpiter — Indústria Hotelaria, S. A. R. L., moveu na Praia da Rocha.

Trespassa-se

Estabelecimento numa das principais ruas da cidade de Faro. Dá para qualquer ramo de negócio. Café, Casa de Chá, etc. Grande área — Óptima localização.

Trata AUTO GHARB

Rua do Alportel

Telef. 23071

F A R O

ALGOZ EM FOCO

Pânico na noite

A terra tremeu. Na madrugada de 28 de Fevereiro, violento abalo sísmico se fez sentir em todo o comarca. Eram 3,41 quando a terra começou a tremer. As pessoas foram acordadas em sobressalto e, em face da intensidade e continuidade do terramoto, saltaram das camas e correram para as ruas. Numa brevidade de segundos, todas as artérias estavam repletas de seres humanos ainda incrédulos. Ao tomarem consciência do que se passava, procuraram rapidamente os largos. Em trajos menores, todos corriam e gritavam, gerando-se, deste modo, enorme pânico. Gritos angustiantes subiam a noite, vindos de todos os cantos. A energia eléctrica fora cortada. Os pais gritavam pelos filhos mesmo com eles ao pé e as crianças procuravam, histéricas e assustadas, os pais, enquanto os religiosos, e até os não religiosos, elevavam preces aos céus, outros gritavam que era fim do Mundo.

Espectáculo dantesco nos oferecia Algoz, e creio que todo o País, na terrível e angustiante madrugada de sexta-feira.

Novo abalo sísmico

Veio surgindo, pouco a pouco, a calma. Nas ruas e largos, formavam-se grupos temerosos, que trocavam impressões sobre o acontecimento. Receava-se a todo o instante novos abalos sísmicos. Ouviam-se telefonias portáteis por todos os cantos. Esperava-se que o Rádio Clube Português fornecesse

A TOCA DO CARACOL

em **ALCANTARILHA** (Tel. 113)

é o mais tipleo **Restaurante do Algarve**

Correio de LAGOS

Lagos perante o abalo sísmico de 28 de Fevereiro

Lagos, vítima do terramoto de 1755, voltou a registar tremores de monta quando o abalo sísmico que agora se estendeu por longa área do globo terrestre. Todos os edifícios públicos sofreram e os da Câmara Municipal, Comandante Militar e Hospital da Misericórdia, foram dos mais atingidos. A Escola Industrial, apesar de ser de construção recente, também sofreu. As igrejas foram de modo geral afectadas, oferecendo perigo a de Santa Maria que recentemente havia sido beneficiada totalmente por uma assídua frequentadora, e a torre principal do de Santo António onde se encontra instalado o Museu Regional.

O hospital, talvez por ter muitos tabiques, segundo o uso dos nossos avós (conjunto de prumos e ripas de madeira com argamassa) ficou na quase totalidade estalado como uma romã. Dos arcos das portas e janelas, são poucos ou nenhuns os que não se apresentam fendidos, e assim, urge colocar vigas em cimento armado nestas e o arranjo total das frestas nas paredes e tetos, o que decerto vai pesar no orçamento da Misericórdia, já de si escasso para acorrer aos encargos normais.

Das povoações do concelho, a mais atingida foi Bensafim, mas o certo é que o C. I. C. A. 5, acudiu prontamente aos sinistrados com homens e viaturas, estando montado um serviço que, quanto a elementos militares, pode considerar-se modelar, pois em relação a civis não notamos aquele espírito de colaboração que se impõe em casos de emergência como a presente.

O restauro do que nos foi dado ver em ruínas, apesar da boa vontade dos elementos do C. I. C. A. 5, não será possível nas primeiras semanas. Voltaremos pois ao assunto, e oxalá seja para dizer que o auxílio mútuo aumenta na proporção das necessidades dos que ficaram sem lar.

Há também a lamentar a morte de sr. João Gregório dos Reis, de 51 anos, casado com a sr.ª D. Maria Rufina de Jesus, moradores em Barão de S. João, sobre o qual desabou o tecto da sua residência.

Males que podem e devem evitar-se

Vêm de longe as nossas chamadas no sentido de se evitarem males como o do esgotamento na praia da Dona Ana, debitando da sua escadaria principal e ausência de vigilância nos acessos a esta e outras praias. Está sobejamente demonstrado que tais males podem evitar-se, mediante gasto de pequena monta, mas talvez pelo hábito de só a partir da maior afluência de turistas, dispensarem alguma atenção à limpeza e pequenos arranjos, quem em determinados dias de Inverno em que o sol convida, queira descer à praia da Dona Ana, está inibido de o fazer. E isto, porque ainda não houve quem providenciase no sentido de evitar que a escadaria receba águas que arrastam barro, e podem com pouco trabalho derivar directamente para a praia. Prometeremos-nos algo fazer, já lá vão meses, mas o mal continua.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

algumas informações, e, na verdade, aquele emissor noticiou o acontecido. As 5,20 a terra voltou a tremer. Desta vez a intensidade foi menor — grau III na escala internacional — e também de menor duração. Felizmente, muitos não chegaram a sentir, principalmente, os que se encontravam em circulação pelas ruas. No entanto, houve, de novo, alarido e pânico.

Nas ruas

A Rádio podia que todos regressassem aos lares. Mas, em face do segundo sismo, e com o aumento de receio, a maior parte preferiu permanecer nas ruas. Era manhã alta e muitos só tinham ido a casa buscar agasalhos. Até madrugada assistimos a um espectáculo terrível e invulgar.

Só quando o sol já ia alto é que os mais temerosos regressaram definitivamente a casa. Poucos foram os que conseguiram encontrar a alma necessária para o merecido descanso. Foi, sem dúvida, uma noite de intensa e contínua vigília. E, quem sabe, se muitos esperavam o término da existência.

O alerta continua

Os ânimos não serenaram, manhã fora. Viveu-se em estado de alerta. Em consequência disso, e em face de um pequeno tremor de terra que se sentiu às 11 horas, houve pânico. Na Escola Técnica de Silves os alunos saíram em atropelo. Muitos deles, especialmente os algarvios, dirigiram-se imediatamente para casa. A partir daquele momento cessaram ali as actividades escolares.

Rescaldo

Mesmo durante a madrugada procedeu-se ao rescaldo do terramoto. Não há desastres pessoais a lamentar. Só algumas pessoas perderam os sentidos. No entanto, os desastres materiais elevam-se a centenas de contos.

Dos prédios sinistrados, merece especial menção, não por se encontrar em pior estado, o da Escola Primária. Uma parte da fachada frontal abateu-se sobre o telhado do pequeno átrio, mesmo à entrada, onde há sempre alunos, especialmente em dias pluviosos, desfazendo-o totalmente. Se fosse durante o dia e na hora de recreio teriam morrido esmagadas algumas crianças.

A parede que constitui a fachada frontal encontra-se muito abalada. O perigo de desabamento é constante, pois, no segundo piso, esta encontra-se descolada, em alguns locais, cerca de 4 a 5 centímetros das que lhe são opostas. O edifício, pelos motivos apontados, tornou-se impraticável para o ensino. — ZE DO MOINHO

ALBERTO DE SOUSA
CLÍNICA MÉDICA
Consultas diárias

R. Artilharia Um. 46-I.º, D. Telef. 685251

Consultórios: Praça do Norte, 8-I.º Balcão da Encarnação Telef. 311282

LISBOA

Farmacêutico/a

Precisa Farmácia no Algarve.

Resposta a este jornal ao n.º 11 259.

Duas semanas de inteira liberdade...

...com a NOVA PHILISHAVE UNIVERSAL — a mais completa máquina de barbear construída até hoje. Ela trabalha com energia acumulada. Quer isto dizer que não necessita de pilhas nem de ligação à corrente. E RECARREGAVEL. Carrega-se numa noite e está pronta a barbear suavemente durante DUAS SEMANAS. A Philishave Universal é mais um «Triunfo da Técnica» PHILIPS.



PHILISHAVE

a máquina de barbear do homem moderno

CONSULTE OS AGENTES

FARO LOULÉ JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS

OLHÃO ARCANJO & VEIGA, LDA. PALMA, RIBEIRO & CALÉ, LDA.

TAVIRA - CUNHA & DIAS, LDA.

FERTIZAL ADUBO FOLIAR

Um progresso em fertilização!

- ★ estimula a actividade vegetativa
- ★ antecipa a maturação
- ★ favorece o desenvolvimento da fruta e evita a sua queda
- ★ melhora a cor e a qualidade
- ★ aumenta os rendimentos unitários

LISBOA Depósito em FARO
Rua Vitor Cordon, 19 JOÃO INÁCIO
Telefone 366426 Horta das Figuras-Faro
Telefone 24000

Depósitos e Revendedores no Continente, Ilhas e Ultramar

Na hora de prestar contas

(Conclusão da 1.ª página)

jectos, o que nos apraz registar. Dadas as convulsões sociais que grassam em todos os países, houve um retraimento na corrente turística, a qual não nos afectou grandemente, visto ter aumentado o número de turistas no concelho durante o ano findo, o que é um bom sintoma para que encaremos o futuro com confiança.

A receita ordinária do Município foi de 6 017 423\$20 (incluindo reembolsos e reposições), a consignação 392 206\$30 e a receita extraordinária 3 174 195\$30. As despesas foram de 9 572 112\$10, transitando para a gerência do corrente ano o saldo de 1 134 661\$90.

No sector da electricidade, diz o documento que na gerência de 1968 continuou-se a apetrechar a subestação transformadora de 30/15 KV do Cerro de Malpique, tendo-se despendido durante o ano a quantia de 328 654\$60, incluindo o pagamento de serviços efectuados na rede de alta tensão e postos de transformação da praia da Oura, Santa Eulália e Olhos de Água, os quais passaram a ser alimentados à tensão de 15 KV. Também se fez a encomenda de um novo transformador de 30/15 KV com a potência de 2.000 KVA, para garantia e reserva do fornecimento de energia eléctrica na vila e zonas costeiras de interesse turístico. Por conta deste transformador, que importa em cerca de 300 contos foi paga a quantia de 57 600\$00 no ano de 1968, devendo o restante pagamento ser feito com a entrega do material, o que já se verificou no decorrer deste ano.

Quanto a águas, concluiu-se a 1.ª fase do abastecimento à zona marginal do concelho e reforço do abastecimento a Albufeira, com a entrada em funcionamento da nova central elevatória dos Brejos e conduta adutora Brejos-Albufeira. Foi despendida a quantia de 1 098 699\$30, encargo suportado do Estado e do empréstimo de 2 500 000\$00 contraído na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência. Com a entrega do projecto da 2.ª fase do reforço do abastecimento de água a Albufeira e abastecimento à zona litoral, foi possível solicitar a participação do Estado para a execução da obra, que compreende mais duas estações elevatórias nos furos dos Olhos de Água e diversos depósitos de água, destinados ao abastecimento de todo o litoral a nascente da vila de Albufeira, incluindo um novo depósito no Cerro de Malpique com a capacidade de cerca de 5 000 m3, para reforço e garantia do regular abastecimento da vila. Guarda-se a participação do Estado para adjudicação desta 2.ª fase.

Embora o Município reconheça a urgência na conclusão do estudo definitivo do saneamento da vila não foi ainda possível levar a efeito a execução do respectivo projecto esperando-se que o técnico encarregado do estudo promova a sua entrega este ano.

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Por conveniência urgente de serviço foram contratados para exercerem no período de dois anos, sucessivamente renovável, as funções de aspirantes estagiários do quadro do pessoal da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos os srs António da Silva Correia e António Tomás Rodrigues, respectivamente em serviço nas secções de Finanças de Portimão e Castro Marim.

Negócio com futuro

Joaquim Amado Vieira — Odiáxere, telef. 14108 — vende terreno com projecto aprovado para sala de espectáculos (cinema) ou aceita sócio para a obra e exploração.



McCANN

ELE É UM ENTENDIDO...

Sabe o que é a pesca.

Conhece o valor de uma rede.

Por isso já usa as novas redes **TREVIRA** que garantem:

- longa duração
- resistência aos efeitos do sol
- óptima extensibilidade
- mínima absorção de água
- rompimento quase nulo
- alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas



FÁBRICA DE REDES DE PESCA **MARINA S.A.R.L.**

ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

AMADORA
Frente à Estação
do C. F. o.
REBOLEIRA

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
Especialmente Amadora, Venda Nova
e Paço d'Arcos

Apartmentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

A propósito de uma palestra

(Conclusão da 1.ª página)

plexo de isolamento egoísta e paritidista. Os do grupo A não se dão com os do grupo B ou C e os campos extremam-se. Há os que interpretam mal a mensagem de solidariedade dos rotários com a sua vontade de aproximar todos os homens de boa vontade, dignos e honestos, enfim amigos do seu amigo, que seja leal e sincero.

E para demonstrar aquele princípio de egoísmo dos algarvios, basta ouvir o que dizem os representantes do Algarve no Parlamento, que se queixam de raramente ouvirem uma palavra de aplauso ou incitamento depois das suas intervenções parlamentares... E daí a voz do Algarve se fazer ouvir menos vezes do que as necessárias, porque basta atentar no movimento populacional de 1950 a 1960 para verificar que a população algarvia diminuiu enquanto, de um modo geral, ela aumentou cerca de 10% em quase todo o País e principalmente nas zonas litorais.

Após a minha palestra no Rotário de Faro, houve quem discorresse da tese apresentada, dizendo que por exemplo os holandeses que se hospedam no Hotel da Balaia vêm tão sequiosos do sol, da luminosidade do nosso céu e da calma da nossa atmosfera que, durante as suas curtas férias de 15 dias, mal têm tempo para se tonificarem e retemperarem da vida trepidante que as suas grandes cidades lhes dão.

A experiência e o exemplo vivo de outros mais viajados e cultos dizem-nos que não.

Em primeiro lugar, o homem, como ser racional que é, — «penso, logo existo», definiu Descartes — não se contenta só com as funções animais de comer, viver e respirar. Precisa de alimentar o seu espírito e a própria paisagem lembra aos holandeses a curiosidade de conhecer como são as figueiras, as amendoeiras e as alfarrobeiras que não existem no norte da Europa, mas cujos frutos eles muito apreciam.

E não é preciso ser de classe muito elevada para ter a curiosidade espiritual de saber qual a História, o Pensamento e a Arte do povo que habita o Algarve.

Porque no que respeita à História, deve lembrar-se que no século XVII, durante a dominação filipina em Portugal, a história dos holandeses se entroncou na de Portugal, pois que aproveitando o colapso de 1580 e sendo inimigos dos espanhóis, que os tinham dominado, foram a pouco e pouco apossando-se do que um milhão de portugueses, que tantos éramos na época gloriosa de Quinhentos, tinham conseguido descobrir, conquistar e evangelizar.

Por exemplo, em 1620 desembarcaram no Brasil e estabeleceram-se em Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro. Com a Restauração de 1640 foram a pouco e pouco sendo expulsos, ficando, porém, fortemente estabelecidos em Pernambuco, cuja capital, Recife, fortificaram. Foi então que em 1647 um algarvio pelo direito do sangue, chamado Francisco Barreto de Menezes e companheiro do rei D. João IV nas batalhas das linhas de Elvas, foi por este enviado para comandar as 3 guerrilhas que ameaçavam expulsar os holandeses de Pernambuco, mas em vão. Foi tal a valentia e habilidade militar do referido Francisco Barreto que logo em 1648 e 1649 derrotou estrondosamente os exércitos holandeses de Pernambuco. Continuando a lutar, conseguiu expulsá-los definitivamente em 1654 — mas foi tal a magnanimidade de carácter do nosso comprovinciano que os vencidos, depois de depostas as armas, levaram nos seus navios o valor dos imóveis e indústrias que ali tinham construído, principalmente ligadas à cultura e moenda da cana de açúcar. Assim no-lo relata com grande soma de pormenores o dr. Pedro Calmon na sua «História do Brasil» e em «Francisco Barreto, restaurador de Pernambuco», que assevera que para os nativos brasileiros este nosso herói valia, como general, tanto como um exér-

sobre turismo

cito! Eles não esquecem que foi a primeira vez que os nativos brasileiros tiveram a honra de vencer um exército bem municionado e adestrado como era o holandês, povo engenhoso e que com a sua astúcia e perseverança acabou por impor a derrota às hostes castelhanas no seu próprio país.

Os povos do Norte da Europa não têm a fobia dos que pelas suas qualidades nobres e guerreiras foram seus vencedores.

Para o leitor apreciar o valor da derrota imposta pelo general Francisco Barreto aos holandeses, basta dizer que o grande orador e político que foi o Padre António Vieira tinha, antes disso, sido enviado como embaixador aos Países Baixos, tentando demover os holandeses de mandarem mais tropas para manterem a sua soberania no Brasil, visto ter cessado o motivo da ocupação dos territórios do inimigo espanhol.

De resto, Portugal estava disposto a pagar generosamente todos os investimentos feitos na capitania de Pernambuco.

Tal não o conseguiu o arguto político e polemista Padre António Vieira — mas conseguiu a habilitação militar do general Francisco Barreto, pela força das armas.

Pena é que este herói de Portugal e do Brasil, esteja tão maltratado pelos algarvios, visto que a sua sepultura, na igreja do Convento de Santo António, hoje profanada, serve de arrecadação dos carros das batalhas de flores do Carnaval de Loulé...

E é pena que assim seja — para dignificação desta palavra nobre que se chama Pátria.

A. DE SOUSA PONTES

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ortóptica (ginástica ocular) - Lentes de Contacto

Consultas: Rua de Sto. António,

49-1.º Dro. — FARO

Casa Mobilada

Aluga-se nos meses de Junho, Julho e Setembro, com quatro quartos, frigorífico, louças e roupas. Rua Cândido dos Reis, 15 — Vila Real de Santo António.

No aniversário de João de Deus

(Conclusão da 1.ª página)

peito, nessa apoteose de 11-1-1896!

Soube a sua e nossa Província, nas primeiras décadas deste século, festejar com alegria, música, recitativos e discursos a obra poética e didáctica do incomparável lírico nem sequer esquecendo de cobrir o pedestal da sua estátua, em Faro, de flores mimosas da antecipada primavera algarvia, sobraçadas por crianças das escolas da Província.

O demolidor de homens e ideais, o impiedoso tempo, novo rumo dá ao que parece imutável, baralha valores e destrona os que merecem gratidão perene, tantas vezes para erguer mitos que a mais leve brisa lançará no pélagio do esquecimento. Ventos sopraram. Mas o nome de João de Deus não pôde ser relegado. Diminuíram as homenagens que nesta data se lhe preiteavam, o seu nome foi banido da fachada do Liceu de Faro por estranha e quesilenta arbitrariedade de quem teve um dia poderes para mandar riscar de todos os Liceus únicos de qualquer cidade, o nome do respectivo patrono. Anos volvidos não foi ainda revogada tão injusta e incoerente decisão. Só o funcionamento do futuro Liceu Feminino permitirá que a fachada do maior liceu algarvio volte a ostentar o título anterior e João de Deus volte ao lugar a que tem jus.

S. Bartolomeu de Messines soube, há poucos anos, concretizar um velho anseio e ergueu monumento ao seu filho maior. Agora, diz-nos a Imprensa que dará início, hoje mesmo, ao complemento da obra iniciada e lançará a primeira pedra do Jardim Escola João de Deus — sonho feito realidade pelo filho do vate, o grande pedagogo e escritor já falecido, dr. João de Deus Ramos. E as crianças messinenses vão ficar mais ricas e a aldeia, graciosa e acolhedora vai ensinar a todos nós que a gratidão não morreu nem morrerá enquanto haja almas fortes e lutadoras.

Mas que pensar do alheamento da capital do distrito, dessa cidade de elite que outrora viveu, orgulhosa e altaneira, todas as manifestações do espírito? Que gerações te corroem o intelecto para voltares costas ao teu Jardim de Infância, há longos anos à espera de concretização? Faro não é a cidade de outrora, bem sei, mas porque se cosmopolizou, mais obrigações tem para com a cultura e os primeiros passos do ensino actual exigem que erga, sem adiamento, o Jardim-Escola João de Deus.

S. Bartolomeu de Messines não poderá estimular a capital do Algarve?

MARIA DE OLHAO

Vendem-se, Andares

Em Faro, de 4 e 5 assoalhadas grandes. Acabamentos de 1.ª — isentos 4 anos. Desde 220 contos. Situados em Bairro Novo — junto ao Mercado. Trata no local ou na Rua Eng. Duarte Pacheco, n.º 8, telefone 22902 — FARO.

Terreno ou Casa Velha

Desabitada, com área aproximada a 100 m², compra-se em Vila Real de Santo António Resposta ao n.º 11355.

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO

A casa que mais sortido tem em fios para tricot e crochet, Nacionais e Estrangeiros. Venda directa ao público ao preço da Fábrica.

Escocesa lisa e mesclada, desde 140\$00 e Robilon a 200\$00, e ainda Algodão, Perlapon, Ráfias, Rubia, etc.

Damos uma caderneta de Bónus, válida em todas as compras.

A. NETO RAPOSO

Praça dos Restauradores, 13-1.º Dt.º (Junto à Est. do Metropolitano).

DOMPLEX

«REGISTADA»

UMA DAS MARCAS DE QUALIDADE DA PLASTIDOM PARA PRODUTOS PLÁSTICOS DE USO DOMÉSTICO E OUTRAS APLICAÇÕES

EM QUALIDADE SEM SIMILAR

EM RESISTÊNCIA E DURABILIDADE

EM CORES E APRESENTAÇÃO

para DOMPLEX uma só palavra

— DISTINÇÃO —

Fabrico da PLASTIDOM — PLÁSTICOS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.
APARTADO 105 — TELEF. 22 837 — LEIRIA (GARE)

Distribuição através de uma rede de Agentes em Lisboa, Porto, Braga, Província e Armazéns da Especialidade



Aspecto do camião-escola e de alguns visitantes que a ela acorreram

Escola Móvel de Treino de Mecanização Agrícola «Massey-Ferguson»

Conforme foi oportuna e largamente noticiado pela Imprensa, uma Escola Móvel de Treino de Mecanização Agrícola, da Companhia «MASSEY-FERGUSON», visitou Faro, no passado dia 15 de Fevereiro.

A iniciativa desta visita, ficou a dever-se aos distribuidores da Companhia «MASSEY-FERGUSON» (o maior fabricante mundial de tractores e equipamentos agrícolas), no nosso país a firma: TRACTORES DE PORTUGAL, Comércio Indústria, S.A.R.L., de Lisboa, que para o efeito, contou com a eficiente colaboração do seu agente regional nesta localidade, a

nas o alto nível técnico e pedagógico desta iniciativa, mas também os mais modernos aspectos da evolução técnica, no sector de Equipamentos Agrícolas.

Esta evolução era patenteada, numa exposição de vários espécimens e documentos, tais como cortes longitudinais de diversas máquinas, e quadros explicativos, tendo-se igualmente efectuado algumas palestras, sobre manutenção e conservação do material agrícola, em cujo fabrico a «MASSEY-FERGUSON» desempenha lugar de primeira importância.

As visitas à Escola, bem como as restantes fases desta visita, foram



Aspecto de uma palestra sobre manutenção de equipamento Massey-Ferguson

firma ALBOS-Tractores Algarve, Lda.

A visita da Escola Móvel de Treino de Mecanização Agrícola, «MASSEY-FERGUSON» revestiu-se do maior interesse, tendo ocorrido, ao local de estacionamento do enorme camião em que a referida Escola se encontra montada, inúmeros visitantes, especialmente os mais importantes agricultores da nossa região, com especial destaque: uma brigada técnica, da Estação Agrária de Tavira, Ex.º Sr. Presidente da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Azeite de Santa Catarina da Fonte do Bispo, Ex.º Sr. Presidente do Grémio de Lavoura de Faro e Alportel, entre outras entidades, ligadas à agricultura, e desenvolvimento agrícola da região, os quais tiveram ensejo de observar, não ape-

fectuadas sob a orientação de dois técnicos pertencentes ao quadro da Escola de Treino de Mecanização Agrícola, que a «MASSEY-FERGUSON» mantém em Inglaterra, com a colaboração dos técnicos, de TRACTORES DE PORTUGAL, S. A. R. L.

Tal como se esperava, esta visita constituiu um verdadeiro sucesso, tanto para as firmas patrocinadoras da mesma, como para o esclarecimento dos nossos agricultores, sendo de esperar, que os benefícios de tal visita, venham a colher-se dentro em breve, a bem da economia, e da lavoura portuguesas.

Nas gravuras que ilustram esta notícia, pode o leitor observar alguns aspectos da visita da Escola Móvel de Treino «MASSEY-FERGUSON» que deixou a melhor das impressões aos seus visitantes.



Um aspecto do lanche de confraternização, servido aos visitantes

Empregada de quartos

Precisa Residencial em Faro, interna, não importando a idade nem que acompanhe criança de poucos anos.

Resposta para M. C. — Rua D. Francisco Gomes, 18 e 20, telef. 22341 — FARO.

Aluga-se

Na Praia de Armação de Pêra, 1.º andar, mobilado, com três assoalhadas, nos meses de Março e seguintes, em conjunto ou separados. Informa Maria Gonçalves, Rua Aboim Ascensão, 9-FARO — telefone 23924.

Às Empresas do Grupo A em Lisboa e Arredores

Os técnicos de contas, António dos Santos Domingos e Orlando da Encarnação Sequeira Rita, inscritos na D. G. C. I., aceitam assistência Técnica e Fiscal.

Deslocações periódicas a combinar.

Consulte-nos que prontamente estudaremos o v/ problema.
ESCRITÓRIO: — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 46, r/c, Esq. Telefone 22385 — FARO

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

1.ª Divisão

E o trio desfez-se!

Aconteceu o nulo no Benfica-Sporting, caracterizado pela toada ofensiva dos encarnados ante a bem escalonada defensiva dos slões. Deste modo e por via da vitória do Porto sobre o Guimarães, na capital norteña, os azuis e brancos voltaram a isolar-se no 1.º posto. Não podemos entretanto olvidar que se aguarda o resultado do discutidíssimo Sanjoanense-Benfica.

Nas restantes partidas do Nacional ante-se a dificuldade do Belenenses ante um Atlético que, a despeito de condenado, lutou com brío e saber. O empate de Coimbra, no jogo entre as escolares e o resultado do discutidíssimo Sanjoanense-Benfica.

O Braga, com a sua vitória sobre o Varzim, livrou-se de apuros no que toca à despromoção.

Surpresa, sem dúvida, a igualdade consentida pelos setubalenses ao receberem a visita do Leixões. Meritório o triunfo — três golos sem resposta — do União de Tomar sobre o Sanjoanense.

2.ª Divisão

Apesar da determinação...

...os barlaventinos nada mais conseguiram que o nulo. Aliás, durante todo o encontro, os homens de Portimão apostaram-se a procurar uma vitória que bem mereciam pelo futebol praticado. Mas os seus intentos sofreram ante a guarnição defensiva do Torriense, apostada em surpreender os donos do terreno com jogadas rápidas de contra-ataque.

No segundo tempo, mais os algarvios, a despeito da sua desvantagem física, procuraram concretizar os seus intentos, sem porém o conseguirem.

Deste modo, o Torriense aligeirou-se no 2.º posto, em que vinha sendo perseguido pelo onze de Portimão, enquanto estes terão de lutar com querer e energia para não serem ultrapassados pela dupla Montijo-Peniche.

O jogo disputado em Portimão, foi arbitrado pelo sr. José Alexandre, de Santarém e as equipas alinharam:

Portimão: Daniel; Cabrita, Roque, João Luís e Marujo; Celestino e Luis Pacheco, Ramos (Oliveira), Carlos Pereira e Alexandrino.

Torriense: Claro; Narciso II, Alfredo, Belmiro e Hermínio; Bernardes e Serafim; Moraes, Narciso I, António Carlos (Nineu) e Mendes.

3.ª Divisão

O guia mais distante!

No último domingo, o Farense pontuou em dois terrenos. Fê-lo não apenas em Aljustrel, onde venceu por 1-0, o que diz das dificuldades encontradas, como indirectamente, em Sines, onde Vasco da Gama e Olanhense empataram. Assim, o guia pôde distanciar-se do seu perseguidor, o Olanhense, a quem, como é sabido falta disputar um encontro.

As restantes equipas algarvias não tiveram jornada positiva. E isto porque de frontando conjuntos gémeos na tabela de pontuação, a Olanhense empata-se para posição inferior. Afinal o empate foi a nota comum e deste modo Lusitano e Faro e Benfica perderam o ensejo de cimentar a sua permanência em zona mais tranquila.

LUSITANO — U. MONTEMOR

Jogo no Campo Francisco Gomes Sororro, sob a arbitragem do sr. Inácio de Almeida, de Setúbal. As equipas alinharam: Lusitano — Cavém; Floro, Carlota, Toledo e David; Salas e Silva; Brito, Vicente, Aniceto e Piloto. União S. C. Montemor — Belchior; Roque, Falcó, Américo I e Mota; José Chico e Rogério; Lipa, Ferreira, José II e Calhau.

Golos de Aniceto aos 30 e aos 70 minutos, Américo II aos 78 e Palé aos 80. Depois de um trabalho persistente dos locais, que os pôs como vencedores por duas bolas a zero, dois contra-ataques dos visitantes fizeram, em dois minutos, com que se estabelecesse o empate. O Lusitano tem agora como treinador o espanhol Saura, que já ofereceu bons momentos à equipa e cujo trabalho se aguarda com interesse.

ALJUSTRELENSE — FARENSE

Sob a arbitragem de António Anatócio (Lisboa) as equipas alinharam: Aljustrelense — Granito; Luis Miguel, Gralho, Ramires e Costa; José Artur e Geada; Paulino, José Manuel (depois Estopinhal), Parra (depois Raposo) e Armando.

Farense — Calotas; José António, Torres, Lampreia e Marcelo; Manhita e Pedro; Nelson, Nunes, Testas e Ludovic (depois Santa Rita).

Ao intervalo já o resultado estava

Comentário de JOAO LEAL

feito com um golo de Manhita. O Farense foi digno vencedor, pelo melhor índice de futebol apresentado e domínio exercido.

F. E BENFICA — D. DE BEJA

Jogo no Estádio de S. Luís, em Faro, dirigido por José Luis (Setúbal).

Equipas: Faro e Benfica — Hélder; Fernando, Sabino, André e João Manuel; Chabi e Tóia (Bonança); Tó Zé, José Manuel, Aleixo e Vidal (Teixeira).

Desportivo de Beja — Alves; José Mário, Caixilha, Ramos e Lameira; Zéinho e Baioa; Lima, Horta, Quinto, Necas e José Carlos.

José Manuel e Lima obtiveram os tentos nos primeiros 45 minutos. Domínio das táticas defensivas sobre a determinação atacante, que quase sempre esteve ausente.

Distrital de Juvenis

O Esperança é campeão do Algarve! Apesar de derrotados em Silves, os lacobrigenses conquistaram o título e vão participar com o Lusitano e o Olanhense, na Taça Nacional, que amanhã principia.

1.ª Divisão Distrital

O Silves, campeão

Um tento solitário bastou para o Silves ganhar o jogo de domingo e assim arrecadar, a uma jornada do final, o título de campeão distrital. A turma silvensis ascende assim na próxima época à 3.ª Divisão Nacional, onde há anos já militou.

Nos restantes encontros, anotemos a vitória tangencial do Louletano e a do Desportivo de S. Brás.

A partida Tavirense-Esperança não se efectuou devido ao mau tempo.

Amanhã, o guia desloca-se a Albufeira e detém o favoritismo. Idêntico factor é reconhecido ao Unidos Samsbrasense e ao Moncarapachense, acreditando-se que o Desportivo de S. Brás não retornará derrotado de Lagos.

Nacional de Juniores

Principiou no domingo a disputa do Nacional de Juniores, onde figuram o Olanhense e o Lusitano. A turma da Vila Cubista arrecadou um bom triunfo sobre o Aljustrelense, enquanto o Lusitano foi impor uma empate ao Desportivo de Beja.

RESULTADO DOS JOGOS

- 2.ª DIVISÃO NACIONAL
 - Portimão, 0 — Torriense, 0
- 3.ª DIVISÃO NACIONAL
 - F. e Benfica, 1 — Desp. de Beja, 1
 - Lusitano, 0 — União Sport, 2
 - Aljustrelense, 0 — Farense, 1
 - V. da Gama, 1 — Olanhense, 1
- NACIONAL DE JUNIORES
 - Olanhense, 2 — Aljustrelense, 0
 - Desp. de Beja, 1 — Lusitano, 1
- 1.ª DIVISÃO DISTRIAL
 - Silves, 1 — U. Samsbrasense, 0
 - Louletano, 1 — Imortal, 0
 - Desp. de S. Brás, 3 — Moncarap., 2
- DISTRIAL DE JUVENIS
 - Olanhense, 1 — Lusitano, 2
 - Silves, 4 — Esperança, 1
- JOGOS PARA AMANHÃ
 - TAÇA DE PORTUGAL
 - Leixões-Olanhense
 - NACIONAL DE JUVENIS
 - Lusitano-Olanhense
 - NACIONAL DE JUNIORES
 - Esperança-Aljustrelense
 - Lusitano-Olanhense
 - DISTRIAL DA 1.ª DIVISÃO
 - Esperança-Desp. de S. Brás
 - U. Samsbrasense-Tavirense
 - Imortal-Silves
 - Moncarapachense-Louletano

Oferece-se

Ajudante de Guarda-Livros, com longa experiência em sistema manual e mecanográfico, bem como expediente geral.

Resposta a este jornal ao n.º 11454.

Taça de Portugal

Amanhã teremos mais uma jornada desta intervalada Taça de Portugal. Só um clube algarvio está ainda em prova, o Olanhense. Difícil, muito difícil, a sua deslocação de amanhã para de fronta ao Leixões. Flagrante é a diferença de valores em jogo, pesando ainda a desfavor dos homens de Olhão o factor «casa».

Supor um êxito será optimismo exagerado, mas nada contraz aguarde partida valerosa do Olanhense.

Classificações

- 1.ª DIVISÃO NACIONAL
 - 1.º Porto, 31 pontos; 2.º Benfica, 30; 3.º Guimarães, 29; 4.º Setúbal, 27; 5.º Cuf, 26; 6.º Académica, 23; 7.º Sporting e Belenenses, 22; 8.º U. Tomar e Leixões, 18; 11.º Braga, 16; 12.º Varzim, 14; 13.º Sanjoanense, 9; 14.º Atlético, 8 pontos.
 - Benfica e Sanjoanense têm menos um jogo.
- 2.ª DIVISÃO NACIONAL
 - 1.º Barcelense, 34 pontos; 2.º Torriense, 30; 3.º Portimonense, 26; 4.º Montijo e Peniche, 25; 5.º Os Leões, 22; 7.º Seixal e Sesimbra, 19; 9.º Lusitano, 18; 10.º Sintrense, 17; 11.º Lusitano, 16; 12.º Oriental, 15; 13.º Almada e Alhandra, 14 pontos.
- 3.ª DIVISÃO NACIONAL
 - 1.º Farense, 30 pontos; 2.º Olanhense, 26; 3.º Juventude, 25; 4.º Vasco da Gama e Grandolense, 21; 6.º União Sport e Lusitano V. R., 16; 8.º Faro e Benfica, e Desportivo de Beja, 15; 10.º Aljustrelense, 13; 11.º Cova da Piedade, 12; 12.º Sarilhense, 5 pontos.
 - O Olanhense e o Sarilhense, têm menos um jogo.
- NACIONAL DE JUNIORES
 - 1.º Olanhense e Borbense, 2 pontos; 3.º Lusitano e Desportivo de Beja, 1; 5.º Aljustrelense e Lusitano de Évora, 0 pontos.

1.ª DIVISÃO DISTRIAL

1.º Silves, 21 pontos; 2.º Moncarapachense e Louletano, 17; 4.º Desportivo de S. Brás, 16; 5.º Unidos Samsbrasense, 15; 6.º Esperança, 10; 7.º Tavirense, 4; 8.º Imortal, 0 pontos.

Desportivo de S. Brás, Esperança, Tavirense e Imortal, têm menos um jogo.

DISTRIAL DE JUVENIS

1.º Esperança, 8 pontos; 2.º Lusitano, 7; 3.º Olanhense, 5; 4.º Silves, 4 pontos.

ATLETISMO

Disputa-se a amanhã o VII Circuito à Cidade de Faro

Corre-se amanhã uma das mais populosas provas pedestres do Calendário regional. Trata-se do VII Circuito à Cidade de Faro, organizado pela Associação de Atletismo de Faro e que desperta sempre o maior interesse. Para além do aspecto competitivo, há a considerar a útil propaganda que representa para a modalidade, cada vez e com mais justificadas razões a suscitando o entusiasmo das gentes da Província.

O circuito destina-se a atletas filiados e populares.

Comemoração do Dia da P. S. P. em Faro

A exemplo de anos anteriores, vai comemorar-se em todo o País, na terça-feira, o Dia da Polícia de Segurança Pública.

Em Faro, onde as cerimónias se têm revestido sempre da maior solenidade, é o seguinte o programa:

Às 9 horas, izar da bandeira no edifício do Comando (Rua da Polícia de Segurança Pública); às 10, missa na Sé Catedral por alma dos agentes falecidos; às 11,30, no edifício do Comando, recepção das autoridades; formatura geral; alocução alusiva da P. S. P.; imposição de condecorações; às 12, desfile da corporação pelas seguintes ruas da cidade com continência junto do edifício da Escola Comercial: Ruas da P. S. P., Manuel Arraiga, Cândido Guerreiro, Horta Machado, Cruz das Mestras, Largo de S. Pedro, Ruas Filipe Alistão, Oliveira Salazar, Praça D. Francisco Gomes, Ruas da Misericórdia, Albergue, Praça D. Marcelino Franco, Rua Veríssimo de Almeida, Praça Alexandre Herculano, Rua Brites de Almeida, Largo do P. S. P. da Cruz, Ruas da Trindade e P. S. P.

Vende-se

Casa com chave na mão, situada na Rua Sousa Martins n.º 25 (local central) com 9 divisões, grande quintal, e área de 180 metros quadrados. Trata-se na Rua Sousa Martins n.º 70, em Vila Real de Santo António.

Ginastas algarvios nos campeonatos nacionais

Disputaram-se na noite e na manhã de sábado e domingo últimos, os campeonatos nacionais de ginástica desportiva, na categoria de iniciados, no magnífico, mas muito frio para este género de competição, ginásio do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa.

Estes foram, quanto a nós, os campeonatos mais nacionais de todos os disputados, pois estiveram reunidos em Lisboa, ginastas do Porto, Coimbra, Aveiro, Lobito, Vila Real de Santo António e Lisboa.

O Clube Náutico do Guadiana enviou os seus ginastas, João Francisco Sanina Machado e Luis Alberto Matias Fernandes. Este, embora prejudicado, nas primeiras provas, devido à falta de experiência competitiva, conseguiu na segunda metade da competição, mostrar reais possibilidades. Em movimentos livres, classificou-se em 10.º e obteve a pontuação de 8,15, enquanto o primeiro obteve 9 pontos; em cavalo, classificou-se em 12.º com 8 pontos, enquanto o 1.º fez 9,25; em argolas, conseguiu-se vice-campeão nacional, com a média de 9,30, enquanto o vencedor fez 9,50. Assinala-se que esta diferença não se justificava dada a maneira correcta e equilibrada como foram executados os dois exercícios. No entanto, o vencedor, fazia parte de uma equipa, e competindo nestas condições, surgem vantagens, que não assinalamos. Em saltos de cavalo, o Luis Fernandes, classificou-se em 5.º com a pontuação de 8,95, menos 6 décimos que o vencedor; em paralelas, foi também vice-campeão nacional, obtendo menos 0,3 décimos que o vencedor, e finalmente, em barra fixa, o ginasta algarvio classificou-se em 4.º lugar, apenas a 0,1 do terceiro e a 0,75 do vencedor. Este por sinal, aproveitou-se desta prova, para obter o 1.º lugar da classificação geral enquanto o atleta do Náutico obteve o 7.º lugar.

Sanina Machado esteve abaixo das suas reais possibilidades, pois apesar de superior tecnicamente ao colega, raramente o conseguiu superiorizar. As suas classificações foram as seguintes: movimentos livres, 8.º com 8,25; cavalo com arcos, 9.º com 8,30; argolas 7.º com 8,90; saltos de cavalo, 7.º com 8,65; paralelas, 11.º com 8,20 e em barra fixa, 9.º com 7,90. Na classificação geral, ocupou o 11.º posto.

Hoje, a partir das 19 e amanhã decorrem também, no ginásio do Liceu Pedro Nunes os campeonatos nacionais de 3.ª categoria, representando o Náutico os atletas Joaquim Filipe Martins e José Octávio Calvino.

J. O. R.

Actividades da F.N.A.T.

Terminou o Distrital de Futebol

Findou no domingo o distrital corporativo de futebol.

As equipas da Casa do Povo de Luz de Tavira e da Casa dos Pescadores de Portimão, respectivamente campeãs distritais, foram apuradas para disputarem, em representação do distrito de Faro, o campeonato nacional corporativo.

Ficou assim ordenada a classificação: 1.º Casa do Povo da Luz de Tavira; 2.º C. Pescadores de Portimão; 3.º C. Pescadores da Puseta; 4.º C. R. P. de Estombar.

Columbofilia

O Grupo Columbofílico Cabanense fez disputar o concurso de Vendas Novas I na distância de 190 quilómetros, com 133 pombos, que teve a seguinte classificação:

1.º e 4.º Joaquim Lúcio dos Santos; 2.º e 10.º A. J. 13.º e 20.º António Estêvão Fernandes; 3.º Leonel Teodoro das Chagas; 5.º Leonardo de Jesus dos Santos; 6.º 16.º e 17.º Joaquim de Jesus Branquinho; 7.º António Maria Morcela; 8.º 14.º 15.º e 26.º José Adriano E. Pereira; 9.º Alfredo J. M. Guerreiro; 12.º José Augusto Branquinho; 18.º 19.º e 21.º José Eduardo M. Conceição; 22.º Filipe S. Nogueira; 24.º José das Chagas; e 25.º António M. Estrela Guerreiro.

Convocatória

São convocados os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária no dia 29 de Março de 1969, às 15 horas, na sede social, na Rua João de Deus, 57/75, em São Bartolomeu de Messines, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Apreciação e votação do relatório, balanço e contas da Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1969.

São Bartolomeu de Messines, 5 de Março de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

MANUEL VIEIRA CABRITA

Terminou o Distrital de Futebol

Findou no domingo o distrital corporativo de futebol.

As equipas da Casa do Povo de Luz de Tavira e da Casa dos Pescadores de Portimão, respectivamente campeãs distritais, foram apuradas para disputarem, em representação do distrito de Faro, o campeonato nacional corporativo.

Ficou assim ordenada a classificação: 1.º Casa do Povo da Luz de Tavira; 2.º C. Pescadores de Portimão; 3.º C. Pescadores da Puseta; 4.º C. R. P. de Estombar.

Convocatória

São convocados os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária no dia 29 de Março de 1969, às 15 horas, na sede social, na Rua João de Deus, 57/75, em São Bartolomeu de Messines, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Apreciação e votação do relatório, balanço e contas da Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1969.

São Bartolomeu de Messines, 5 de Março de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

MANUEL VIEIRA CABRITA



ANDARES

Vendem-se em Faro, desde 135 contos, no melhor local da cidade, já alugados. Rendimento de 6%. Facilita-se pagamento de 30% a liquidar em 20 anos.

Trata Telefone 24566 — FARO.

Ténis de Mesa no Algarve

Na sede da Associação de Ténis de Mesa de Faro efectuou-se o sorteio das próximas eliminatórias da Taça de Portugal (fase regional), de que resultou o seguinte calendário:

Seniores: 3.ª eliminatória, hoje: Náutico-Faro e Benfica; 4.ª eliminatória, 13 de Março: Artistas-Náutico.

Juniões: 3.ª eliminatória, 12 de Março: Imortal-Náutico ou S. Luís; 4.ª eliminatória, 15 de Março: Náutico ou S. Luís-Imortal.

Infantis: 3.ª eliminatória, 19 de Março: Faro e Benfica-Náutico; 4.ª eliminatória, 22 de Março: Náutico-Faro e Benfica.

Acto de malvadez que provocou estragos numa ambulância

Quando uma das ambulâncias do Serviço 202 dos Bombeiros de Vila Real de Santo António seguia na estrada de Mértola para Castro Verde, colidiu violentamente com pedregulhos e marcos quilométricos que indivíduos de maus instintos haviam colocado encobertos por uma lomba da estrada, a cerca de dois quilómetros de Castro Verde. Os prejuízos foram de cerca de dez contos, não atingindo maior expressão graças à perícia do condutor.

A ocorrência foi comunicada no posto da G. N. R. de Castro Verde, nada se sabendo até agora dos causadores do acidente.

Correspondência da Guia

Nesta povoação o sismo da madrugada de sexta-feira, teve consequências em várias moradias, mormente aquelas mais antigas. O caso alarmou toda a população guianense que em gritos de susto saíram para a rua.

Durante toda a madrugada, a população dirigiu-se para os lugares mais distantes no receio das repetições do sismo.

Na manhã de sexta-feira, ao percorrermos a povoação e arredores, vimos que parte das moradias abriram fendas, as igrejas ficaram também muito danificadas, principalmente a pequena ermida de S. Sebastião situada no alto do cerro. Há a lamentar a destruição total de uma casa modesta, situada no Poço das Canas, arredores da Guia. — C.

Terreno ou Quinta

Compro (ou alugo), de preferência nos arredores ou proximidades de Faro, com água abundante e arvoredo.

Favor escrever para sr. Vítor, Rua dos Celeiros, 26 ou telefonar ao n.º 24968—FARO.

ROCAMBOLE

A HERANÇA MISTERIOSA

(Continuação)

— Vim aqui de propósito para levar-te comigo. No extremo da rua, espera-nos uma liteira. Do outro lado do Tibre, encontraremos uma carruagem de posta que nos conduzirá a Nápoles. Para ti, querida da minha alma, aluguei um palácio em Ischia.

— Nunca!... Nunca!... — balbuciu Marta delirante — aborreço-o... odelo-o.

— É possível, mas eu amo-te — replicou Andréa, dilatando as ventas como um tigre sedento. Aborreces-me e desprezas-me, mais uma razão para eu te levar comigo... Vamos, Marta, deita um manto sobre os ombros, e segue-me... o tempo voa.

E Andréa cingiu com os braços de ferro o corpo da jovem.

— Socorro! Socorro! Armando! Fornarina! gritou Marta, procurando subtrair-se aos braços que a seguravam.

Fornarina não respondeu, mas ouviu-se na rua um passo rápido, e com essa figura de ouvido que acompanha sempre qualquer excitação nervosa, Marta reconheceu os passos do artista.

Armando não chegara ao atelier. Dominado por estranho pressentimento, voltara para trás e encontrando um transtavelino que fumava no parapeto da ponte, comprara-lhe por uma pistola o punhal, companheiro fiel de todo o italiano de velha raça.

— Socorro! Socorro! Armando! — bradou Marta com essa inflexão penetrante e aguda, de que as mulheres dispõem na hora do perigo.

— Não será ele quem há-de possuir-te — murmurou Andréa.

E deitando-a sobre os ombros, como o animal carnívoro quando se apodera da presa, levou-a para fora do quarto, e desceu a escada. Marta debatia-se com desespero, gritando sempre. Armando ouvira-o. No momento em que o celerado chegava à porta da casa, o escultor transpunha o limiar.

— Afasta-te, gritou Andréa.

— Para trás, bandido! — respondeu Armando, interceptando a porta, e puxando do punhal.

— Ah! Ah! — disse zombando o visconde; — temos jogo de faca? melhor.

E recuando alguns passos deixou cair Marta sobre um desses bancos de junco tão usuais nos patins das escadas em Itália. Depois tirou também um punhal da algibeira, e os dois rivais mediram-se com o olhar, na presença de Marta, quase morta de terror. O vestibulo estava iluminado por um pequeno candelero com globo de alabastro, suspenso do tecto, projectando a claridade necessária para que os dois homens pudessem examinar-se com atenção. Imóveis e silenciosos, trocaram entre si um olhar de ódio, olhar que revelava um duelo de morte, mesmo antes de cruzarem os ferros.

— Tu és Andréa? — perguntou o escultor.

— E tu eses a quem chamam Armando? — disse com ironia.

— Miserável! — exclamou o artista; — sai daqui, miserável!

— Entrega-me a minha amante. Reclamo a minha propriedade, dá-ma e saio já.

— Infame! — murmurou Armando, avançando para Andréa de punhal erguido.

O visconde deu um salto de tigre, e brandiu a arma que tinha na mão — Ah! Ah! Pelo que vejo, Marta é o preço desta partida em que jogamos a vida.

— Vida que tu vais perder, respondeu Armando.

E lançou-se furioso e ameaçador sobre o visconde que recuava sempre, como recua o tigre, para depois se arremessar com mais ímpeto. Continuou pois recuando até à parede, e como Armando o perseguia sempre com o punhal erguido, Andréa lançou-se sobre ele, enlaçando-o vigorosamente com a mão esquerda e com a direita descarregou-lhe o primeiro golpe. A ponta encontrou a guarda do punhal do escultor,

que assim evitou o golpe. Então os dois adversários, corpo a corpo, enroscaram-se como duas serpentes, e feriram-se reciprocamente com fúria inaudita.

Marta perdera os sentidos e jazia imóvel, a pequena distância deste combate terrível.

Não houve luta mais encarniçada e horrível do que a daqueles dois homens, que se apunhalavam um ao outro, confundindo o sangue que em borbotões lhes rebentava das numerosas feridas. Durante alguns minutos conservaram-se perfeitamente enroscados sobre os degraus do patim, arrastando-se como dois répteis; depois pararam exaustos de forças, cambalearam e caíram extenuados.

Um deles, porém, pôde levantar-se, conseguiu soltar-se dos braços que o prendiam, e entrou o punhal na garganta do adversário. O vencido soltou um gemido e o sangue saiu-lhe às golfadas pela boca. O vencedor deixando escapar um grito de triunfo, correu para Marta desmaiada e tomando-a nos braços exclamou:

— E minha!

Apesar de haver perdido bastante sangue, teve ainda forças para a levar para fora de casa. O vencedor era o visconde Andréa; o vencido, o escultor Armando, que se retorcia nas convulsões da agonia, enquanto o seu inimigo lhe roubava a mulher que amava.

VIII

Há em Paris um bairro completamente novo, onde duas populações distintas e bem diferentes estabeleceram habitação há quinze ou vinte anos.

Queremos falar dessas extensas ruas que convergem todas para Montmartre. Ai, essas criaturas, loucas que nascem e morrem sem saber onde, que brilham pelo menos dez anos como um meteoro, essas mulheres embriagadas pelo prazer e pela luxúria, que dissipam indiferentemente fortunas colossais, descontam o futuro, e desbaratam o presente; o mundo enfim das pecadoras, tomou posse das sobrelojas e primeiros andares de todas as casas.

(Continua)

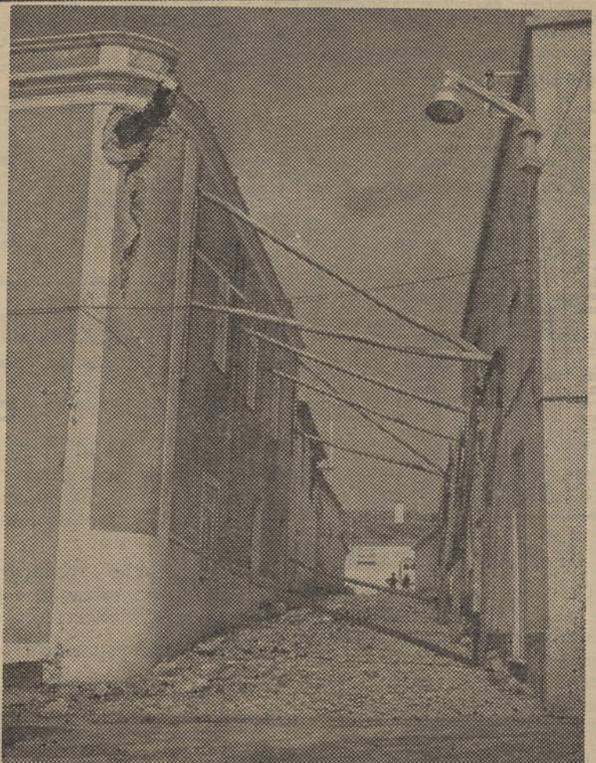
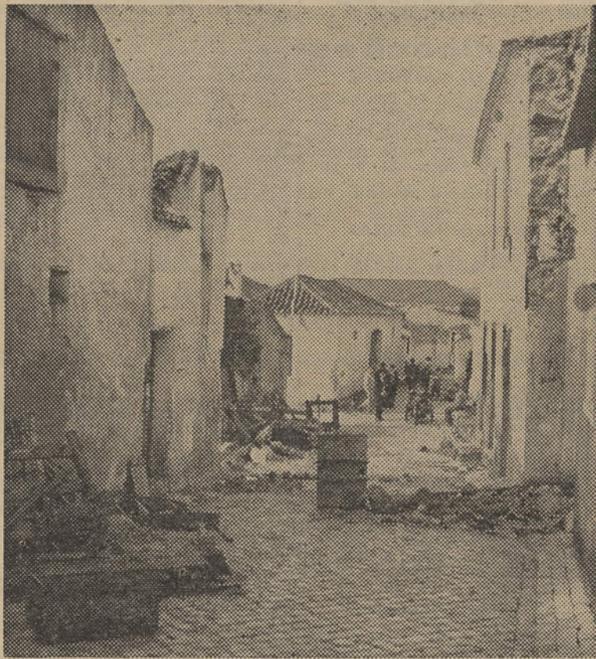
JORNAL do ALGARVE

Reunião do chefe do distrito com os representantes da Imprensa

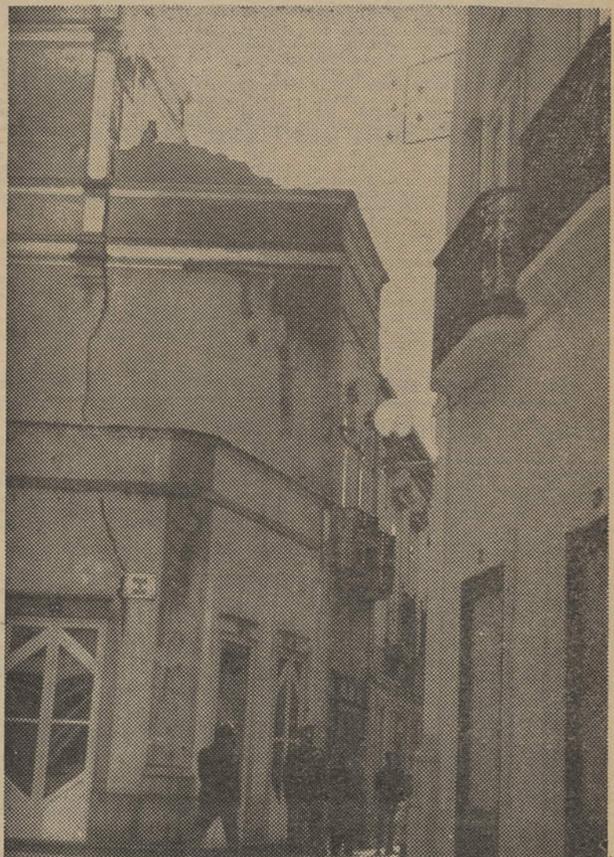
NA tarde de quinta-feira decorreu no Governo Civil de Faro uma reunião do chefe do Distrito com os representantes da Imprensa, tendo o sr. dr. Manuel Esquivel, dado conhecimento das medidas tomadas pelo Governo em relação aos estragos provocados pelo sismo de 28 de Fevereiro. No próximo número referir-nos-emos mais detalhadamente a esta reunião.

O SISMO PASSOU POR AQUI

O JORNAL DO ALGARVE reproduz nesta página alguns aspectos da nossa Província, abalada profundamente pelo tremor de terra de 28 de Fevereiro. Não é necessário identificar os locais, são recantos onde a catástrofe deixou bem patente a sua passagem. Castro Marim, Olhão, Boliqueime, Portimão, Silves, Vila do Bispo e tantas outras grandes ou pequenas localidades onde famílias inteiras viram o seu lar destruído ou em perigo. Estas imagens ao acaso ilustram bem a noite de agonia de que o Algarve foi a maior vítima.



MAIS 4 MILIONÁRIOS
Graças à sorte da
CASA DA SORTE
que distribuiu a semana finda aos seus balcões os
4 000 CONTOS
da **SORTE GRANDE - 47 116**



(Conclusão da 1.ª página)

do sismo. Desde já se registam gestos de solidariedade em muitos pontos, onde os que ficaram com as suas casas intactas se apressaram a recolher os mais atingidos. Teremos de nos felicitar se a desgraça não foi maior e se a catástrofe terminou apenas com a perda de uma vida, mas isso não chega. Não vamos agora cruzar os braços e ficar à espera que as fendas nas paredes aumentem para sairmos de casa. É preciso dar uma solução rápida aos casos urgentes e pensar que o perigo aumenta de dia para dia se não procurarmos também resolver os casos menos perigosos.

A vida continua, mas a nossa bela Província está situada numa zona sísmica. Não o esqueçamos, embora não o devamos lembrar muito alto nas campanhas turísticas.

PRECISA DE

Médico? Enfermeiro? Parteira? De receber uma injeção ou ser transportado para o hospital?

Telefone para o número



Vila Real de Santo António onde no mais curto espaço de tempo um piquete permanente de serviço o irá atender.

....E TAMBÉM

Residencial M. A. Mendonça
PONTA DELGADA (AÇORES)

FOI PINTADO COM
TINTAS

EXCELSIOR

DISTRIBUIDOR PARA TODO O
ALGARVE

EXCELSIOR DO ALGARVE

AV. 5 DE OUTUBRO 62
OLHÃO



DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na **CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS)**, Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 82 — Lagos. — Remessa para todo o País.